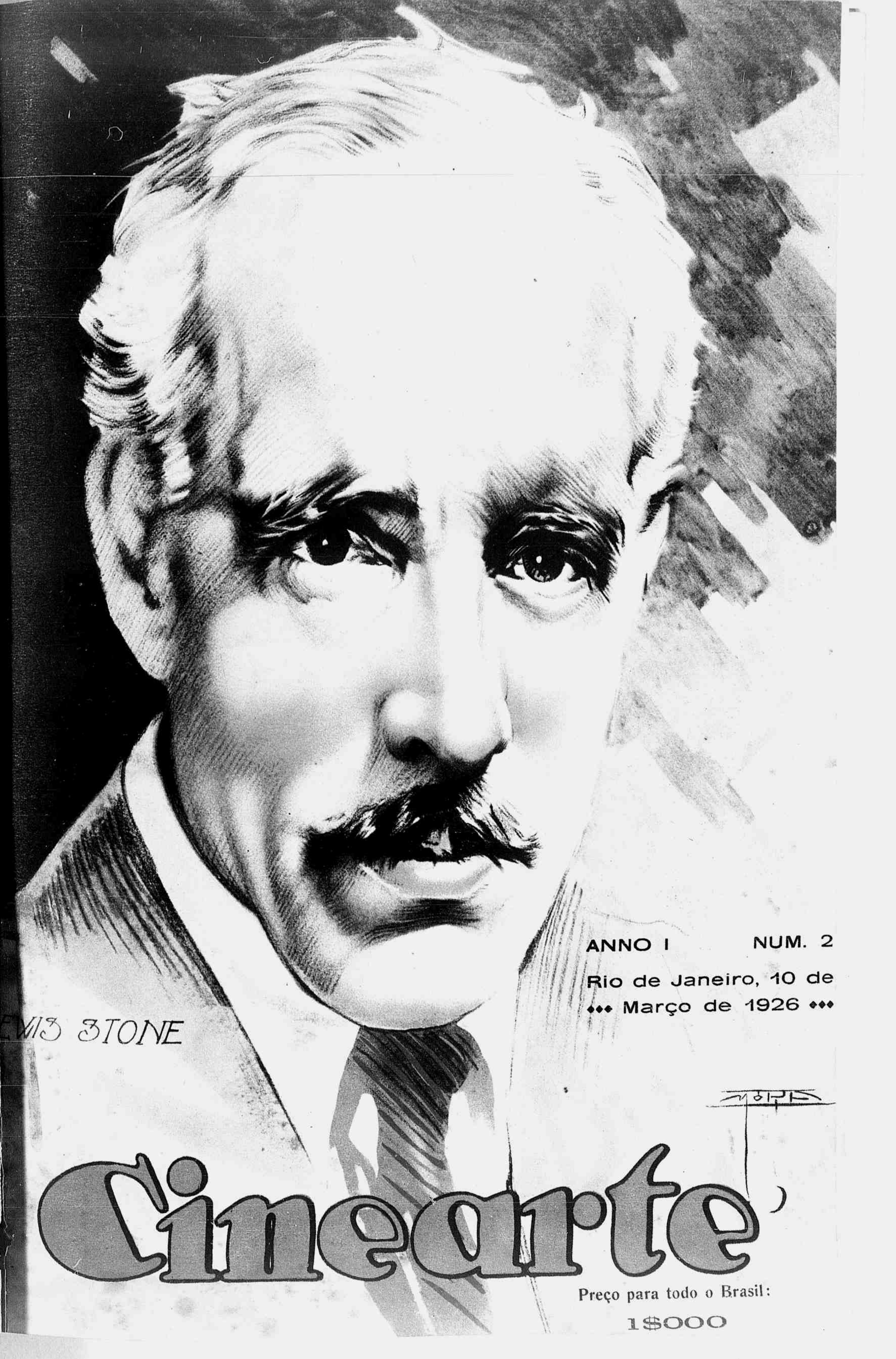




EVIS STONE

ANNO I

NUM. 2

Rio de Janeiro, 10 de
♦♦♦ Março de 1926 ♦♦♦

2015

Cinearte

Preço para todo o Brasil:

1\$0000

SOCIEDADE ANONYMA "O MALHO"

A MAIOR EMPREZA EDITORA DO BRASIL

GRANDE PREMIO NA EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DO CENTENARIO EM 1922

Capital realisado: Rs. 2.000:000\$000

SÉDE NO RIO DE JANEIRO — RUA DO OUVIDOR, 164 — TELEPHONES)
GERENCIA: NORTE 5402
Endereço Telegraphico: OMALHO-RIO) ESCRIPTORIO: „ 5818
ANNUNCIOS: „ 6131

Redacção e officinas: RUA VISCONDE DE ITAUNA, 419 — Telephone Villa 6247

Succursal em S. Paulo: RUA BENJAMIN CONSTANT, 10 — Caixa Postal Q
TELEPHONE CENTRAL 5949

EDITORA DAS SEGUINTES PUBLICAÇÕES:

CINEARTE REVISTA EXCLUSIVAMENTE CINEMATOGRAPHICA

"O MALHO" — SEMANARIO POLITICO ILLUSTRADO

"O TICO-TICO" — SEMANARIO DAS CREENÇAS

"PARA TODOS..." — SEMANARIO ILLUSTRADO MUN-
DANO

"SEMANA SPORTIVA" -- REVISTA DE TODOS OS SPORTS

"ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA" — MENSARIO ILLUS-
TRADO de GRANDE FORMATO

"LEITURA PARA TODOS" — MAGAZINE MENSAL

"ALMANACH DO MALHO"....

"ALMANACH DO TICO-TICO"

"ALBUM DO PARA TODOS..."

ANNUARIOS

EDIÇÕES

PIMENTA DE MELLO & C.

RUA SACHET, 34

Proximo á Rua do Ouvidor

RIO DE JANEIRO

CRUZADA SANITARIA, discursos
de Amaury Medeiros (Dr.)..... 5\$000
O ANEL DAS MARAVILHAS, texto
e figuras de João do Norte 2\$000
CASTELLOS NA AREIA, versos de
Olegario Marianno 5\$000
COCAINA..., novella de Alvaro
Moreyra 5\$000
PERFUME, versos de Onestaldo
Pennafort 5\$000
BOTÕES DOURADOS, chronicas
sobre a vida intima da Marinha
Brasileira, de Gastão Penalva 5\$000
LEVIANA, novella do escriptor por-
tuguez Antonio Ferro..... 5\$000

ALMA BARBARA, contos gauchos
de Alcides Maya 5\$000
PROBLEMAS DE GEOMETRIA, de
Ferreira de Abreu 3\$000
UM ANNO DE CIRURGIA NO SER-
TÃO, de Roberto Freire (Dr.) 18\$000
PROMPTUARIO DO IMPOSTO DE
CONSUMO EM 1925, de Vicente
Piragibe..... 6\$000
LIÇÕES CIVICAS, de Heitor Pereira 5\$000
COMO ESCOLHER UMA BOA ES-
POSA, de Renato Kehl 4\$000
HUMORISMOS INNOCENTES, de
Areimor 5\$000

Cinearte

A N N O I

10 — III — 1926

NUM. 2

Não temos expressões com que agradecermos ao publico, ao nosso publico, aos antigos leitores da secção cinematographica do *Para todos*, e exito do primeiro numero do *Cinearte*, exgotado ás primeiras horas depois de posto á venda.

As cartas de applausos e de encorajamento que nos chegam ás centenas, são para nós que nesta casa trabalhamos o melhor premio.

Buscámos corresponder aos desejos do nossos amigos dando-lhes uma revista que fosse o verdadeiro órgão da cinematographia no Brasil, com as variadas secções que o assumpto comporta.

Não é ainda *Cinearte* o nosso ideal absoluto.

Mas, a pouco e pouco, iremos desenvolvendo-a, dando-lhe novos attractivos, á proporção que isso se tornar possivel. O processo graphico escolhido para a sua impressão comporta maravilhosos aperfeiçoamentos.

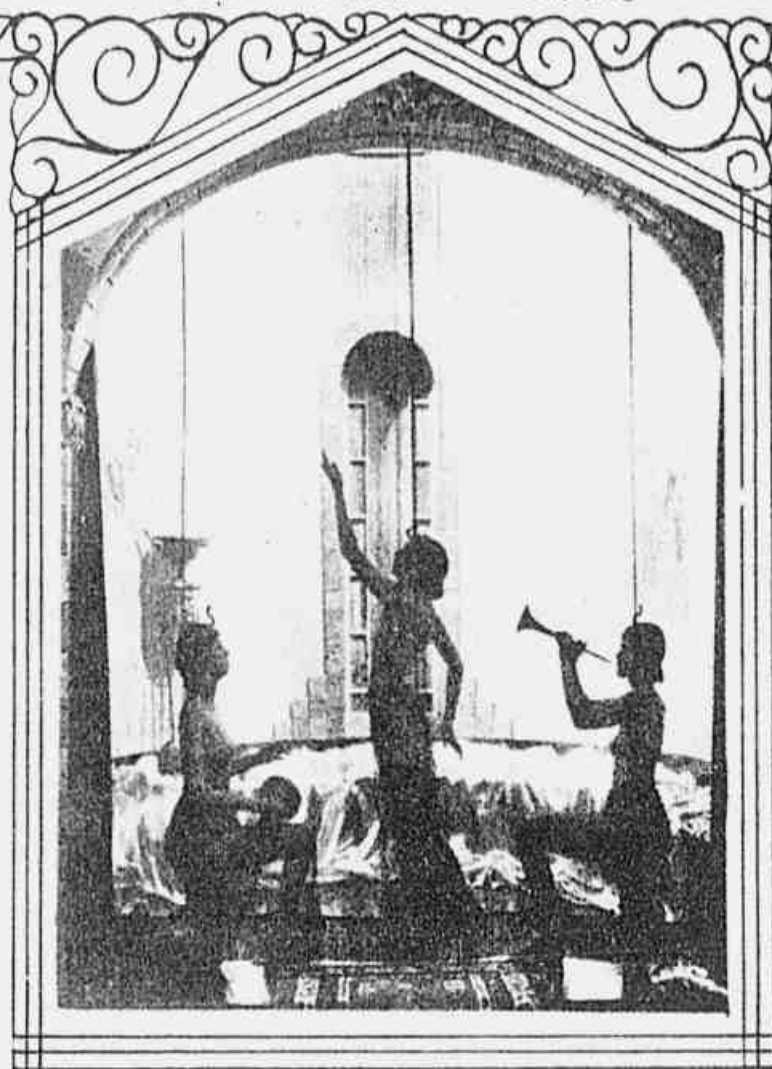
Elles irão aos poucos apparecendo, sem que por isso exijamos novos sacrificios dos nossos leitores e amigos.

Ficam neste lugar consignados os protestos de nossa muita gratidão para com o publico, de cujo favor viverá exclusivamente *Cinearte*.

■ ■ ■ ■

Março, mez dos bons programmas.

Por uma falsa comprehensão da psychologia de nosso publico, os mezes da estação estival sempre foram entre nós destinados á programmação *fraca*, ao exgotamento dos



Um detalhe da Metro-Goldwyn...

stocks accumulados durante o anno com a producção de 2^a ou mesmo de 3^a ordem.

De facto é razoavel que ninguem vá por uma temperatura de 30 grãos á sombra, metter-se em uma saleta de 5 x 10 metros de area, onde a ganancia do explorador accumula 400 cadeiras para os espectadores, attendendo contra a hygiene de modo clamoroso. Seria um supplicio extremo.

Mas com salas grandes, bem ventiladas, providas de modernos aparelhos de ventilação e exaustão do ar, o publico tanto vae aos cinemas no inverno como no verão.

D'ahi a necessidade de abolir-se de vez essa historia de programmas de verão e programmas de inverno.

Depois, ha ainda uma circumstancia ponderavel. O carioca está preferindo as praias de banhos ás estações de aguas e ás cidades de veraneio.

E os que passam as manhãs e tardes na praia, se o cinema elegante, o cinema de elite lhes offerece bons programmas, frequentam-n'os á noite, sem para elles isso representar um sacrificio pois que é a continuação de um habito.

Março precisa perder esse privilegio de iniciador dos bons programmas.

Os bons cinemas precisam ter bons programmas de Janeiro a Dezembro. E' isso o que os recommenda.

OPERADOR.



UM FILM DA FIRST...

PERDOAR E

(FORGIVE AND FORGET)
FILM DA APOLLO COM A INTER-
PRETAÇÃO DE

Durante o inverno, reunia-se no palacete Cornwall a fina flor do "High-life" de Pasadena-California.

Ames Cornwall, mau grado seu, ouve dos convidados, que estavam a um lado falando, que os modos de sua esposa com Ronald Sears estavam dando na vista. Fôra, nos campos de tennis, Judith Boyd vencia, em uma partida, o seu namorado — Tom Kington e este nega-se a pagar a aposta e corre. Judith o persegue e, com um ardil, consegue receber a aposta: um beijo, e ambos correm para o salão.

Tom encontra-se com Peter de Ross e vem a saber que este trouxe os diamantes que Tom devia escolher para presentear a sua noiva.

No recinto encontrava-se também Robert Blake, amigo de Ronald Sears, que compartilhava com este da sua residência e amizades. Blake, como muitos dos convidados, olhava a rica collecção de diamantes e, como era de consciencia elastica, faz com que uma das pedras caia dentro de sua taça, mas, o creado, sem que Blake o veja, tira a taça e leva-a. Neste interim o joalheiro queixa-se a Ames Cornwall que lhe desaparecera uma das pedras. Ames scientifica os seus convidados desta má nova e deseja revistal-os todos, ordenando ao creado que não deixasse sahir uma só pessoa. Ronald Sears é tido como ladrão porque recusa-se a ser revistado, pois tinha em seu poder algumas cartas da Sra. Cornwall. Na dispensa, o *chauffeur* de Cornwall bebia os restos deixados nas taças trazidas pelo creado e, com espanto seu, engole o diamante.

Ronald fôra expulso da casa dos Cornwall e em seu aposento explica ao amigo, Blake, que recusara a ser revistado por ter as cartas no bolso e decidira partir para nunca mais voltar. Ao fazer a mala, Ronald não nota que o seu infame amigo tirára-lhe as cartas.

Ames Cornwall, percebendo que a culpa era toda sua por não dispensar carinhos á esposa, perdoa-a e vão começar uma vida nova, mas, o Destino inexoravel traça forte o caminho penoso por que havia de passar Beatriz Cornwall. Blake, de posse das cartas, telephona a Beatriz, com o fim de negociar-as, e Ames, por acaso, ouve a conversa. Beatriz vae pela primeira vez aos aposentos de Ronald, afim de reaver as suas compromettedoras



ESQUEGER

ESTELLE TAYLOR, WYNNDHAM
STANDING, VERNON STEELE
E PAULINE GARON.

missivas e, quando discutia com Blake, Ronald chega em busca das cartas.

Uma lucta renhida tráva-se entre os dois homens e Blake, com um tiro, mata o seu amigo e protectôr, fugindo em seguida, deixando Beatriz presa nos aposentos. Ames, que chega nesta occasião, faz a esposa fugir e é accusado pelo crime, sendo preso.

Judith Boyd traça um plano afim de auxiliar a irmã a provar a innocencia do marido e, assim, Beatriz obtem que Blake, recebendo 25 mil dollares, faça a sua confissão por escripto. Blake combinára mandar a confissão á Senhora Cornwall pelo correio, para ter tempo de fugir, mas, lançando mão de uma farça, colloca na caixa do correio do Hotel, na vista de

Beatriz Cornwall, o envelope. O "garçon", que detestava Blake, ao invés de levar a carta ao correio central, leva-a á Beatriz, que, ao abrir, depara com um papel em branco e volta apressada ao hotel.

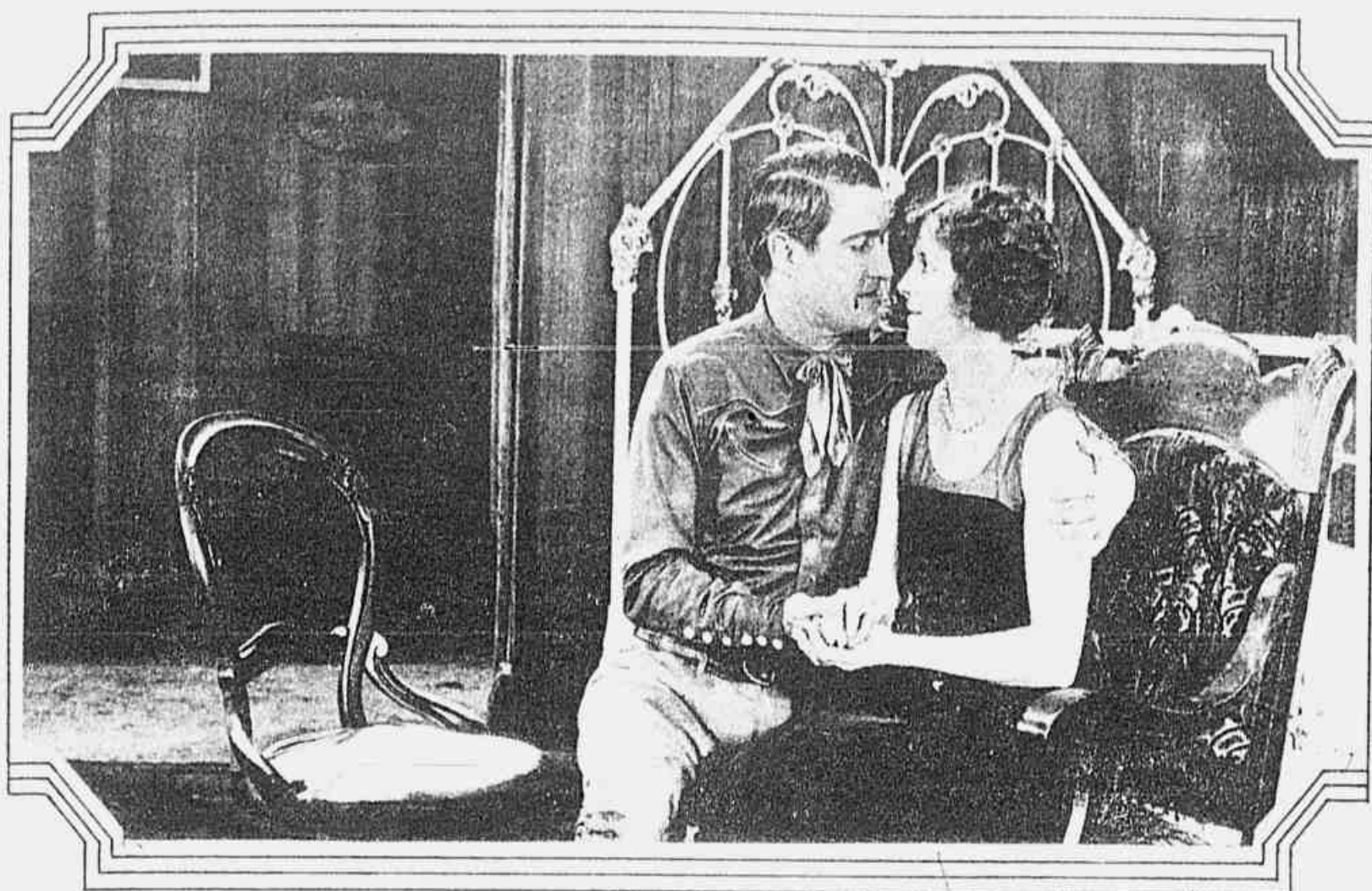
Nesta occasião Beatriz ouve a conversa de um policia de estradas com o gerente do hotel e prepara uma cilada para obter a confissão, indo falar com Blake.

Ella informa ao nojento mercador de honra, que dera queixa delle á policia. Neste momento o gerente do hotel informa a Blake que a policia subia e ia falar-lhe. Robert Blake, ao ver-se procurado pela policia, tenta fugir, sahindo pela janella e passando para o aposento visinho, segurando-se nas insignificantes arestas dos ornatos da fachada do predio. Ao galgar a janella visinha, Blake, com muita infelicidade, perde o equilibrio e precipita-se do terceiro andar ao solo.

Beatriz Cornwall, ao chegar á rua, ouve o commentario da policia, que encontrára nos bolsos do morto a almejada confissão.

Chegou, enfim, a liberdade para Ames, e Beatriz dá-lhe o pacote de cartas para que as leia, e elle, num gesto nobre de perdão, deita-as á labareda, destruindo assim o phantasma da sua felicidade. Na frente da casa, Judith, radiante de alegria pelo perdão que obtivera da irmã, conversando com o noivo pede que lhe escreva sempre, mas elle, com receio de ser compromettido também por cartas, promete só usar o telephone.





MURMURIO * ETERNO *

vidou em sacrificar a sua vida para a salvar, sentiu-se entusiasmada. Levou-o para sua casa e apresentou-o á sua mãe, sendo desde então hospede dos Gaynor. Mas aquella atmosfera não agradava a Marcos. Os jazz, as eternas brincadeiras de salão, não se accommodavam ao seu temperamento. Gloria queria chamal-o a si, mas elle não se conformava com aquella maneira de viver. Leo, que já se julva batido, exultava com aquelle antagonismo dos dois.

Em um dos passeios matinaes que Marcos realisava a cavallo com Gloria, foram dar á casa do velho Romão Honeycutt, um excentrico que possuia, escondidas não se sabia onde, varias barras de ouro. Era amigo de Marcos, porque elle lhe levava, para o divertir, um radio-telephone. Mas Romão desconfiava de toda

Por entre o murmurio brando e constante daquelles perfumados pinheiraes, entre as montanhas altaneiras e majestosas, ouvindo o sussurro das cascatas, se passava tranquillamente a vida de Marcos King, um moço meio philosopho, meio ingenuo, para quem a vida se limitava áquelles horizontes bellissimos, mas restrictos. O resto do mundo não lhe importava. A região era bella, mas sem vida social. Só pela estação estival, certas familias aristocraticas de S. Francisco vinham para aquellas montanhas, fugindo ao calor da cidade. Entre essas familias era constante na vigiliatura a viuva Gaynor, que, graças á formosura e elegancia de sua filha Gloria, se via continuamente cercada de um cortejo de adoradores. Entre estes, um era mais assiduo e persistente no assedio á linda Gloria: Leo Graton, que, sendo um aventureiro, via no casamento com Gloria a fortuna ambicionada. Mas o temperamento d' Gloria era de molde a exigir um homem de caracter e não um vasio de cerebro e alma. E o destino proporcionou-lhe encontrar esse homem, que ella desejava, no nosso philosopho ingenuo mas valente que era Marcos King. O cavallo, em que um dia Gloria passeava, em companhia de Leo, espantou-se e ella teria morrido, se Marcos, que andava por perto, não lhe acudisse, com perigo da sua propria vida. Gloria, em presença daquelle homem de coragem e sangue frio que não du-



a gente, inclusive do proprio Marcos, por causa do seu ouro. Quando Marcos se apeou á porta da sua cabana, estava o velho altercando sobre o assumpto com André Brodie, um espertalhão e um mau, que com o velho não levava a melhor. Tanto Marcos como André tiveram de sahir da cabana de Romão sob a ameaça da pontaria da sua espingarda certaíra.

Chegou, porém, o tempo de Gloria regressar a S. Francisco. Marcos continuou ouvindo o murmurio eterno dos pinheiraes sussurrantes. De novo no seu agitado e divertido meio social, Gloria procurou apagar, no tumultuar das festas, as recordações do seu ingenuo e rude montanhez. Ao radio, em casa do velho Romão, Marcos escutava as musicas dolentes e buliçosas ao som das quaes talvez Gloria se estivesse divertindo. E realmente assim era. Gloria, na vertigem das festas, ia-se esquecendo de Marcos e de novo accetava com boa vontade a corte de Leo. Em uma dessas festas, Leo, que era ousado até o extremo, offereceu a Gloria ensejo de irem dar um passeio a Colona, por algumas horas, pois ali tinha graves interesses a tratar. Gloria reagiu, com receio de desagradar a sua mãe. Leo convenceu-a depois de ter fingido consultar pelo telephone a Sra. Gaynor e de ter obtido della a necessaria licença.

Com absoluta despreocupação, Gloria segue para Colona, sem pensar que está cahindo em um ardil de Leo. Dentro em pouco, porém, conhece-lhe das intenções criminosas que consistiam em forçal-a a casar com elle, o que, com a aquisição do ouro do velho Romão, completava todas as suas ambições de riqueza. Gloria, então, encheu-se de revolta e chorou, dirigindo a Leo os maiores

(Termina no fim do numero).

ARTE DE VISUALISAR

(Escreito especialmente para o "Cinearte", pelo director-proprietario da Visual, A. de A. Fagundes).

Diz um psychologo: "desde as mais remotas éras do homem pre-historico, através de milhares de seculos na marcha ascendente da humanidade, a imaginação foi sempre a base do seu progresso." Assim, pois, a cinematographia, a mais nova das artes, vae também buscar na imaginação a base para o seu adeantamento. E a educação da faculdade visual é a porta triumphal que nos dá accesso a essa engenhosissima arte.

Torna-se, portanto, a todos aquelles que desejarem dedicar-se a taes estudos educar o mais depressa possivel a sua faculdade visual, porque da sua perfeita educação e completo dominio depende muito directamente o progresso de um futuro escriptor cinematographico. E a faculdade visual, para satisfação dos apaixonados da oitava arte, é docil e meiga, adaptando-se com presteza e acerto ás suas novas attribuições. Olhos da mente, eis outro nome pelo qual é chamada a faculdade visual. Esta não é somente encontrada no cerebro humano em qualquer dos seus grãos de intelligencia, pois, na opinião de alguns autores, os animaes são também dotados dessa faculdade.

Regras fixas existem, pois, para o cultivo da faculdade visual. Frank Channing Haddoch, nos diz algures: "a cultura da imaginação envolve todas as faculdades do cerebro, dando-nos um poder supremo de eficiencia. A applicação continuada da imaginação a um grão elevado de cultura para os misteres da vida requer os melhores e os mais poderosos exercicios de força de vontade. E isso quer dizer que a vontade será cultivada por completo. Applicando-se, portanto, ao cultivo da faculdade visual para um proposito definido, e educando-se a imaginação para usal-a como escriptor de ficção, ganha-se também no mais alto grão de desenvolvimento do nosso eu no justo interesse da razão, justiça e dos motivos reaes da existencia."

A Universidade de Columbia, na cidade de Nova York, dá aos seus alumnos, nos exames preliminares de entrada, além das provas regulares, alguns exercicios bem interessantes. Dois desses problemas applicados á imaginação visual podem servir-nos de esclarecimento neste trabalho.

O professor toma uma folha de papel, dobra-a ao meio e volta a dobral-a uma segunda vez. Com uma tesoura faz

um corte em fôrma de triangulo na margem que apresenta uma só dobra, escondendo da vista dos alumnos esse pedaço de papel. Põe sobre a mesa, exposta á vista dos examinados, a folha dobrada como se acha. Isso feito, manda-os desenhar em uma

outra folha de papel, como deve apparecer na mesma o corte por elle feito. Desenham-se na folha de papel as dobras e marca-se a fôrma e o lugar onde foi feito o corte.

Ao executar, porém, essa prova não é permitido aos alumnos dobrarem a folha de papel, devendo resolvê-la sómente pela imaginação. A sua solução depende unicamente da "imaginação constructiva visual."

Na prova das caixas, o professor diz: "Vem esta caixa? Ella contém duas outras caixas menores e cada uma dessas caixas menores encerra outras duas caixas ainda menores. Quantas caixas são ao todo?"

A resposta, naturalmente, é simples, porém, requer da parte dos estudantes um regular desenvolvimento da

intelligencia para responder com acerto em meio minuto e sem hesitação.

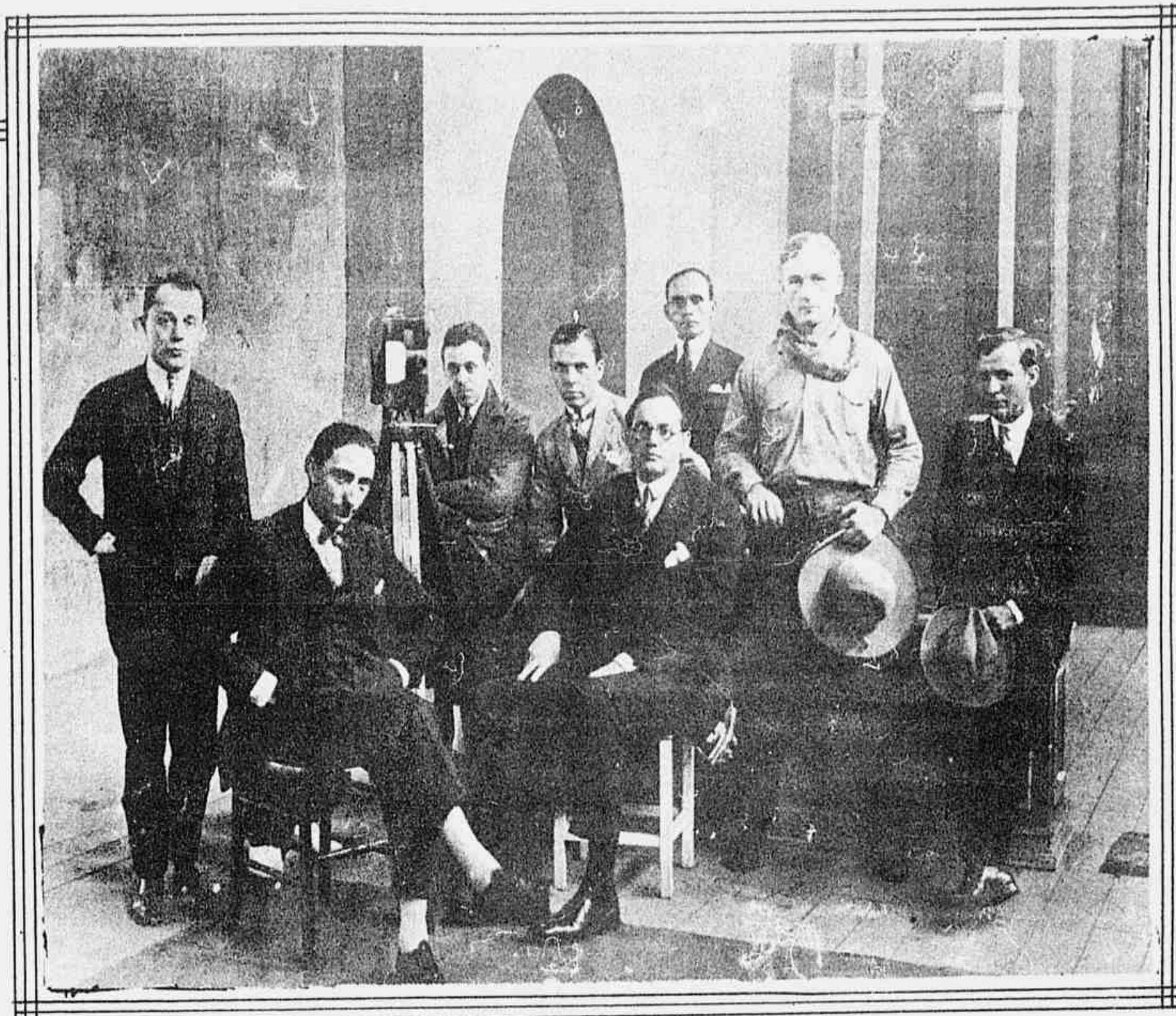
"O successo nessa prova", diz-nos o professor Terman, "parece depender principalmente da facilidade sobre a qual a imaginação constructiva manipula visualmente figuras mentaes."

Os processos geralmente recommendados para o cultivo da faculdade visual são bastante simples e ao alcance de qualquer pessoa que deseja educal-a. Ao iniciar os exercicios de visualisação deve-se procurar um local isolado e ás escuras. Ahi o individuo senta-se confortavelmente em uma cadeira, relaxa-se-lhe a tensão muscular, cerram-se-lhe os olhos e elle procura vêr com os olhos do cerebro. Focalizamos, por exemplo, a nossa estante de livros, pois é esse local bastante conhecido dos estudiosos, e procuramos visualizar, digamos, os livros alli alinhados em uma das suas prateleiras. Esforçámo-nos para distinguir bem nitidamente os seus varios tamanhos, a côr das capas, o titulo de cada obra, o nome do autor e se possivel fôr a fôrma das letras. Isto feito, vamos á estante certificar-nos si de facto os livros estão collocados na prateleira como os tinhamos visualisado; rectificamos os erros e voltamo-nos novamente á visualizar, repetindo os exercicios tantas vezes quantas forem necessarias.

Passado o periodo de aprendizagem que, segundo o tempo empregado, pôde ser longo ou breve, introduz-se então um



A. DE A. FAGUNDES



personagem qualquer nos futuros exercicios de visualisação. Sentado á cadeira, de olhos cerrados vemos a porta abrir e uma pessoa entrar. Observamos muito cuidadosamente e em todos os seus detalhes a côr do vestuario, expressões physionomicas e o seu caracteristico. O personagem dá alguns passos pelo quarto e á porta assoma uma segunda pessoa que se approxima da primeira. Ao falarem, elles se entreolham e o tom de suas vozes chega ao nosso ouvido muito nitidamente, não destoando das suas personalidades, pois são genuinas creações de carne e osso.

Continuamos com esses exercicios até que tenhamos adquirido perfeito dominio da faculdade visual, para então proseguir com os exercicios em logares movimentados, á luz do dia e com os olhos descerrados. Em um bonde, por exemplo, vemos uma pessoa interessante, observamos as suas emoções e movimentos característicos, voltamos mais tarde a visualisalo em todos os seus minimos detalhes. Agora o bonde pára a uma esquina e lá está um typo original. Passamos logo a observalo e, centralisando o personagem, usamos o local para o scenario da scena. Devemos notar tudo quanto fôr de interesse alli passado naquelle momento, movimentos, expressões e palavras articuladas pela figura central conjunctamente com os detalhes do local da scena, as construcções, a côr dos predios, se ha vehiculos, animaes, etc. Agora ao partir o bonde vae-se visualisando toda a scena.

Logo que a faculdade visual já vae sem grande esforço reproduzindo scenas observadas ao correr do dia, procuramos transportal-as para o papel. Notaremos então, que a escripta é puramente objectiva, cinematographica; porque a camara não photographa palavras mas sim scenas visualisadas. O trabalho tem vida e personalidade, são as proprias personagens que falam ao desenrolar das scenas, evitando-se, assim, nas composições cinematographicas, um mar de palavras inuteis que de nada servem em um photodrama.

As scenas devem ser visualisadas uma a uma e em todos os seus mais insignificantes detalhes. Os titulos falados devem ser aquellas mesmas palavras articuladas pela propria personagem em seus diferentes estados de emoção, cada uma com a sua personalidade fixa, heroína, galã ou villão.

Para melhor comprehensão da continuidade cinematographica nas divisões das scenas e com a mesma technica applicada no "Visualisador", peço venia ao intelligente leitor para passar em revista dez scenas da minha comedia-dramatica "Centro e Periphéria", prompta para ser filmada.

A. DE A. FAGUNDES, NO "STUDIO" DA VISUAL, COM VARIOS JORNALISTAS DE S. PAULO.

CENTRO E PERIPHERIA

Continuidade 'Cinematographica

Sub-Titulo 1 — NA PERIPHERIA

Esclarecendo

1 — Ext. Chacara — (P.) Ao longe se vê uma modesta, porém, aprazível vivenda — Dionysio com um laço na mão surge em scena e, correndo, dirige-se para um dos lados da casa.

Iris até circulo

Sub-Titulo 2 — DIONYSIO, o heroe de Santo Amaro

2 — Ext. Quintal ao lado da casa — Chacara — (S. B. de Dionysio). Dionysio, com o olhar fixo fóra da scena, vae machinalmente desenleando o laço.

3 — Ext. Quintal — Chacara — (M. P.) Dionysio surge no canto da casa e avista um grande bode preto que lá está — elle avança para o bode e atira o laço acertando em cheio a laçada — dois meninos entram em scena e batem palmas, gritando, bravos, bravos, — Dionysio, segurando o laço, olha e sorri.

4 — Ext. Quintal — Chacara — (P.) O bode corre para o meio do quintal, arrastando Dionysio — Dionysio segue-o e ao mesmo tempo vae se approximando do bode pela corda — os dois meninos observam Dionysio interessados — corte.

Sub-Titulo 3 — D. ANNA, mãe de Dionysio

I — Int. Sala de jantar — Chacara — (B. de D. Anna). D. Anna, commodamente sentada numa cadeira de balanço, lê "Secção de Annuncios", em um jornal — ella procura um emprego para Dionysio — alli está um annuncio que lhe convém — D. Anna endireita-se na cadeira e lê com animação:

Sub-Titulo 4 — (Facsimile do annuncio) — Precisa-se de um menino para trabalho de escriptorio. Dirigir-se á Rua do Arco n. 1. Escriptorio do Sr. A. D'Alvar.

Para scena.

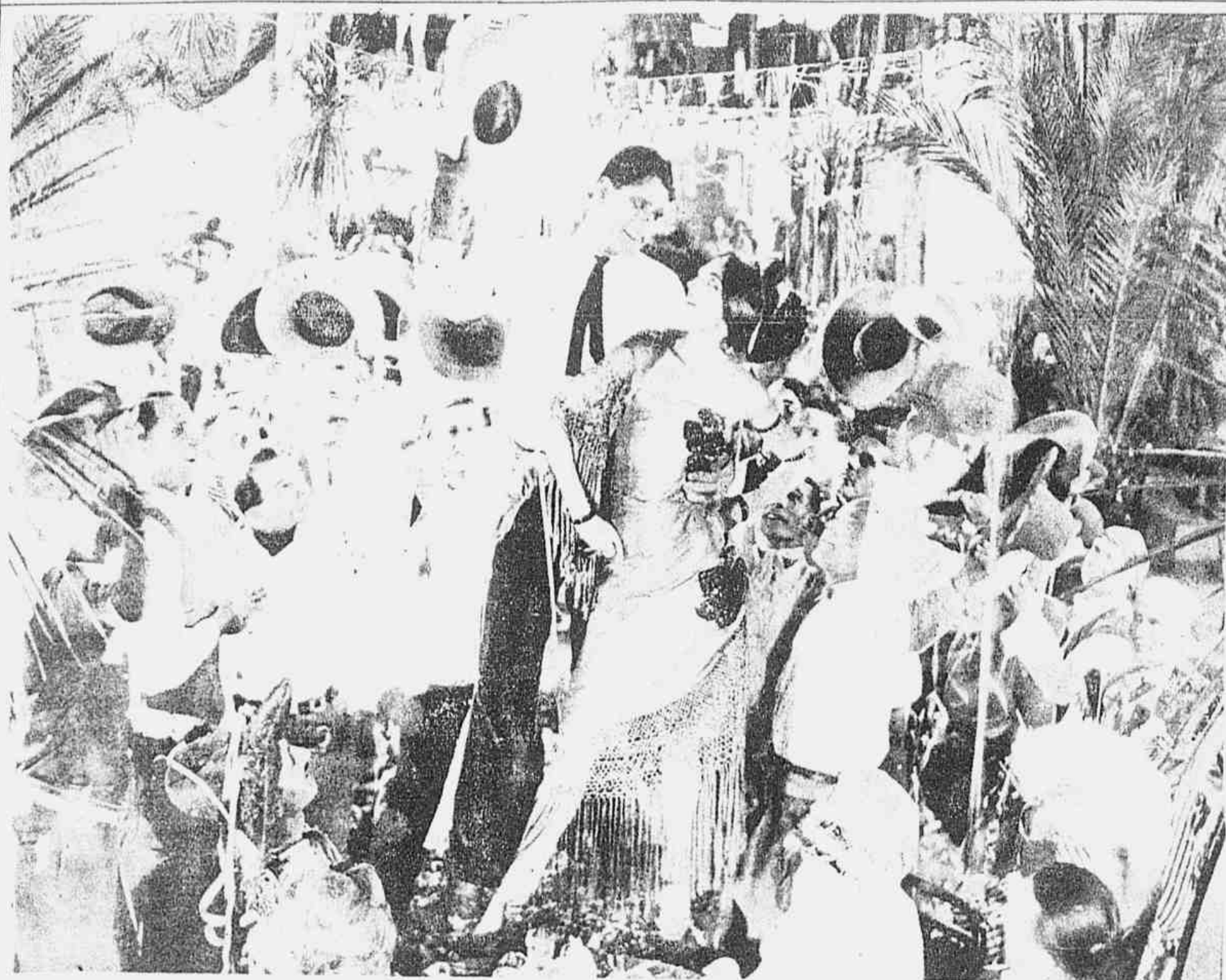
D. Anna deixa vêr no seu semblante a sua satisfação pelo feliz achado.

6 — Int. Sala de Jantar — Chacara — (M. P.) D. Anna levanta-se com o jornal na mão, olha em redor da sala, dá alguns passos em direcção á porta e chama:

Tit-falado 1 — "Dionysio!... Dionysio!..."

Pára a scena.

(Conclue no proximo numero).



Jack Bannister, um joven valente como as armas e amigo de aventuras, passára muitos annos entre os *cow-boys* americanos. Regressára, por fim, a patria, quando sua velha e querida progenitora cerrára os olhos, colhida pela Parca implacavel.

Como não se podia separar dos velhos amigos e companheiros, Jack Bannister levou

UM RASGO DE VALOR



varios delles para a America Central, installando-os na sua fazenda. Irrequietos, começaram elles logo a praticar varias façanhas, que obrigaram a intervenção do consul americano, attendendo a reclamações de autoridades do paiz.

Estavam as coisas neste pé, quando, por ocasião de uma festa popular, Jack Bannister teve a surpresa de tornar a encontrar um antigo camarada de proezas no Oeste, camarada que já uma vez lhe salvára a vida, em circumstancias tragicas. Era Benito Monacal, que, depois de palestrar longamente com Jack, revelou-lhe estar encarregado de uma missão difficil. Ia levar certos documentos a José Remado, um foragido politico, cujo maior inimigo era um

tal Bud Latham, que qeria a viva força se apoderar desses papeis, que lhe dariam uma fortuna.

Benito parte, mas, em vez de ser elle o portador dos mesmos documentos, pede a Jack que os leve ao seu destino. Monacal é assassinado, mas morre na certeza de que

(Term. no fim da revista).



UM POUCO DE TECHNICA

APPARELHAMENTO. — Dissemos em nosso primeiro artigo que a cinematographia nada mais era do que um ramo da arte photographica. De facto. Todo o aparelhamento cinematographico, com effeito, analysado por olhos de leigo, embora, manifesta-se como simples aparelhamento photographico com as modificações necessarias para transformar a im. em de inaninada em animada. O aparelho destinado a apanhar as scenas, as vistas é uma simples camara photographica baseado nos mesmos principios que ditaram a construcção dos destinados aos photographos. Lentes especiaes de grande luminosidade, dispositivos para a collocação defronte desta de uma particula apenas do film virgem, bobinas de enrolamento e peças regularizadoras do movimento estabelecem a diferenciação. Ha aparelhos cinematographicos fabricados em varios paizes e por varias empresas. Ha os optimos, bons, soffríveis e máos. Tal qual as machinas photographicas. Entretanto, o principal para o exito não é tanto a machina como o operador. Ainda ahi, é como na photographia. Um amador inexperto, póde ser dono de um aparelho admiravel, possuir o melhor material deste mundo, e, entretanto, não fazem nada de apreciavel.

Todos os seus clichés inutilizados. Da mesma forma o operador cinematographico inexperto, só por mero acaso obtera um metro de film aproveitavel, gaste elle embora algumas centenas por dia.

Porque na cinematographia como na photographia o operador deve além de possuir todo o preparo tecnico destinado a vencer as difficuldades proprias de uma arte, uma visão artistica que essa só se encontra em um entre mil.

Antigamente, antes da invenção das chapas seccas de gelatino bromureto, era a photographia uma arte quasi mysterio-

sa, os gabinetes photographicos parecendo antros de alchimistas em que se pontificavam ritos extranhos. De 1873 para cá, lançadas as chapas seccas, no commercio, nasceu a photographia ao ar livre e começaram a multiplicar-se os aparelhos... e os photographos. Perdeu a photographia seus mysterios e ganhou valores novos. O amador contribuiu enormemente para isso: novas formulas surgiram, e assim, ao alcance de todos, teve ella um desenvolvimento em meia



O DIRECTOR JOSEPH HENABERRY E RUDOLPH VALENTINO, AO FILMAR "COBRA".

duzia de annos que não conseguira até então. Hoje a photographia póde ser considerada até como prenda de salão. Toda gente a pratica, na cidade, no campo, em terra, no mar e no ar.

Mas... se milhões de photographias são actualmente tiradas todos os annos, quão poucas merecem que a gente repouse complacentemente a vista!

É que como "il y a fagots et fagots", ha clichés e clichés. Os clubs photographicos, as exposições, as revistas espe-

ciaes buscam imprimir em "cachet" artistico aos clichés trabalhados pelos amadores.

Mas isso de photographia não é só o trabalho mecanico. Um cliché pode ter attingido á perfeição no tempo de pose, no diaphragma, na revelação, fixação e copia, estar perfeitamente, magistralmente focalizado e ser, entretanto, "uma bota". É que faltou ao seu autor a intuição artistica. Com individuos p a s s a m pelo mesmo logar indifferentes á paisagem. O centesimo primeiro, pára, encanta-se e transportando-a para o papel sensível realiza uma obra prima.

É que só este possuía o sentimento artistico sem o qual nada é possivel fazer de bom, a não ser effeito do mero acaso.

Em cinematographia a mesma cousa se dá. Um bom operador cinematographico para "enquadrar" suas scenas tem que estudar o ambiente, surtil-o quasi, diriamos palpal-o.

Um logar determinado pode ser photographado de 50 pontos differentes. É mistér o artista para descobrir o melhor, o mais favoravel, aquelle que só á sua esthesia foi dado encontrar.

É esse o grande defeito dos nossos operadores nacionaes que limitam-se quasi sempre a tocar a manivella depois do aparelho focalizado, mecanicamente produzindo por vezes cousas horripilantes, deturpando pontos de vista, mutilando paisagens, apresentando-as sob aspecto nada recommendavel, quando um exame mais attento, mais acurado, mostrar-lhesia que não era aquelle o ponto mais aconselhavel para a collocação da machina.

✠ ✠ ✠ ✠ ✠

Griffith escolheu Adolphe Menjou para o papel de Satanaz em "The Sorrows of Satan"

✠ ✠ ✠ ✠ ✠

"The Door Mat" é o titulo do proximo film de Lubitsch, para a Warner Brothers.

Cinearte

QUESTIONARIO

Milady de Winter (São Paulo) — 1º *D'Artagnan*, Douglas; *Athos*, Leon Barry; *Porthos*, George Seigmann; *Aramis*, Eugene Palette; *De Rochefort*, -Boyd Irwin; *Buckingham*, Thomas Holding; *Cardeal*, Nigel de Brullier; *A rainha*, Mary Mac Laren; *Constance*, Marguerite De La Motte; *Milady*, Barbara La Marr.

2º Universal City, Los Angeles, California.

3º *Dantés*, John Gilbert; *Mercedes*, Estelle Taylor; *Caderousse*, Wm-Mong; *De Villefort*, Robert Mac Kim; *Danglars*, Albert Prisco; *Haydée*, Virginia Faire; *Benedetto*, Francis Mac Donald; *Luigi Vampa*, George Seigmann.

4º Porque se interessa? Se eu disser, não acredita, não é? O primeiro sahirá emcabecendo o *Cinearte* e o segundo, uns... quantos? 24 serve?

Stingaree (Amparo) — 1º Fox Studios, Western Avenue Hollywood, California.

2º Universal City, California.

3º United Studios, Los Angeles, California. 4º De Pina, depois te respondo. Comprehe-
hendo, perguntar hoje por Pina Minichelli...

A. Encarnação, J. P.

Barbosa e L. F. Mendonça (Campinas) — Muito obrigado! Apreciei o interesse no assumpto. Vou providenciar.

Myrza — A resposta é: Same to you and many of them.

Assidua Leitora — Si houver uma boa photographia, publicarei.

Stingaree (Amparo) — Olhe, experimente este endereço para a Pina: Rinascimento-Film, Vico-
lo Parioli, villino tran-
chetti, Rome. Põe o seu
endereço como remet-
tente no envelope. Aliás,
isso deviam fazer todos
você que escrevem para
artistas.

Lakeel (Maceió) —

Se recebi já respondi. Obrigado pelas informações e não se esqueça da photographia do Floriano.

Daguinha (Florianopolis) — Baby, nunca mais trabalhou. Mary 18 annos, Betty 20 e Mae, 30. Se recebi, já respondi, não deixo de responder nenhuma carta.

Condessa de Barrego (S. Paulo) — 1º Austriaca; 2º casado com Alma Rubens; 3º 27 annos; 4º Lasky Studio, Vine Street, Hollywood, California.

Robinson (Maceió) — Você diz peores cousas do que o Theo. Mas como é que houve protestos nos jornaes? Por estes dias, aliás, tratarei do caso.

Menjou (Rio) — 1º E', dizem o diabo de Barbara, mas não aconteceu nada disso. Ella era uma creatura de bons sentimentos. Breve darei um artigo sobre ella.

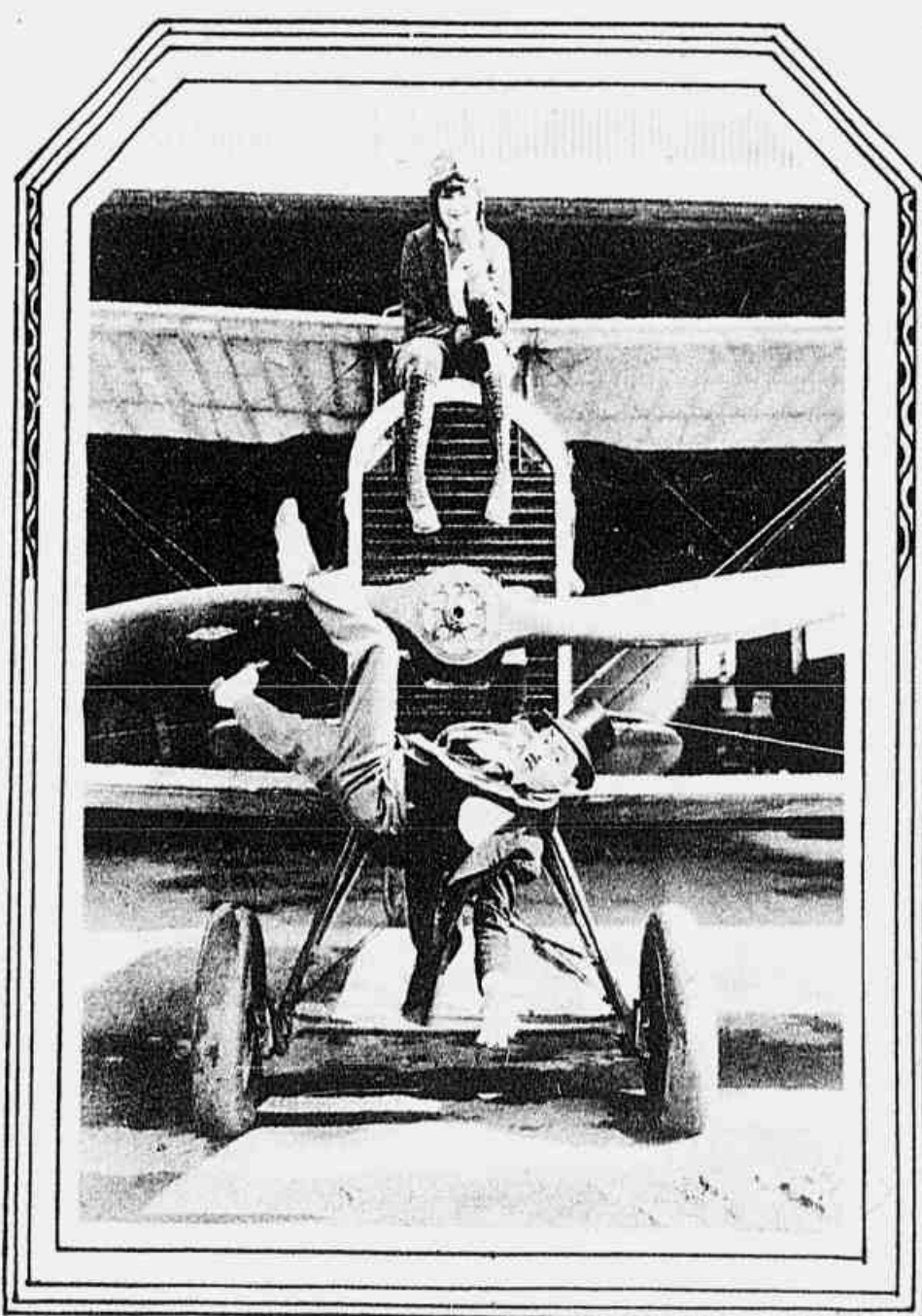
2º Em N. Richmard em 1906. 3º Talvez para o mez.,

Pois eu lhe fico muito agradecido. Eu preciso mesmo das photos de todos os cinemas do Brasil.

Prata da Silva (Simão Dias, Sergipe) — Teria muito prazer em servil-o, porém, comprehende, todos os nossos clichés são logo inutilizados e é uma difficuldade para mandar separar algum. Mandarei, entretanto, algumas matrizes e espero que o amigo aproveitará. Sempre que puder, envie-me o *Cine-Jornal*.

Theo Ayres (Maceió) — De facto o que você allega é justo. Tambem é possivel ter melhores e não é comparando que se responde. O *Cine-Moder-
no* era luxuoso e quebrou? Falta de direcção? Entretanto, os jornaes da sua terra têm protestado e eu tenho que attender. O meu interesse é que tenhamos boas casas, em todos os logares.

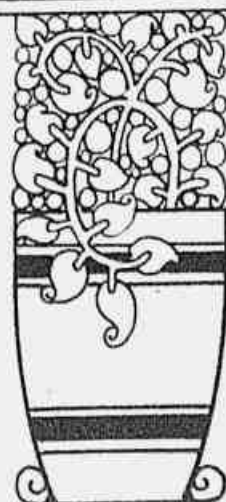
MARION HARLAN, NUMA COMEDIA DA FOX.



Cinearte



RAMON NOVARRO



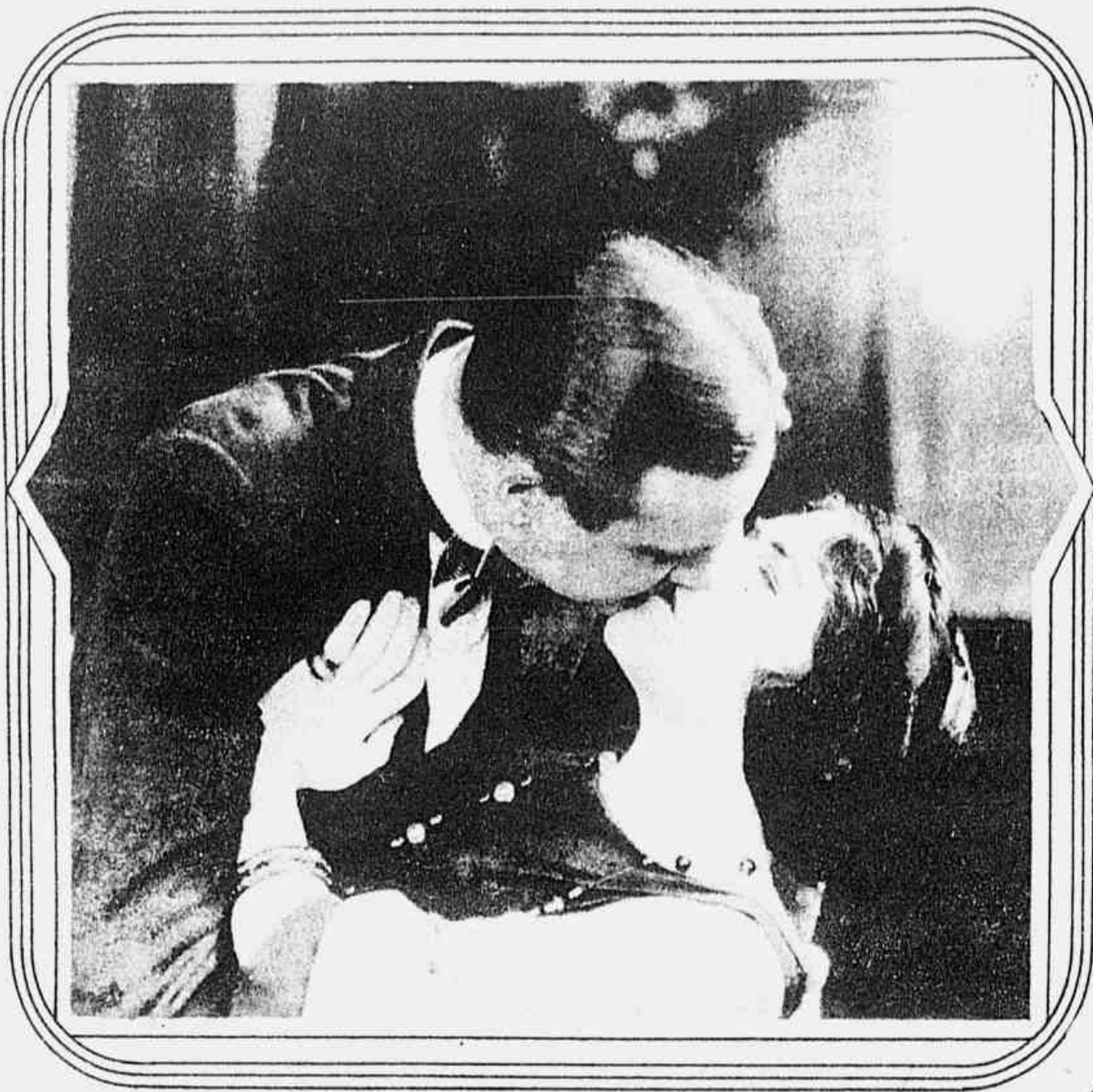
EM "BEN-HUR", DA M. G.

O MEU SEG

E ella responde-lhe: "Gosto do meu marido e acho que a mulher deve ser fiel e de rija tempera como o aço. Verga mais não quebra".

No dia seguinte, disposto a não renunciar o seu proposito de possuir aquella mulher, que lhe transtornava o espirito, Narry enviou á esposa o seguinte telegramma: "Demora em fechar negocio com a fabrica, obriga-me a permanecer mais tempo em New York".

Nesta mesma tarde, esperançoso pela attitude dubia de Eva, ao receber os seus galanteios, elle dispoz-se a levar avante o seu projecto e, depois de adquirir uma custosa joia, dirigiu-se ao escriptorio da moça, na propria fabrica. Horas se passaram e Eva, afinal, vencida, deixou-se beijar sofregamente por aquelle homem, allucinado mais por um desejo que mesmo por amor. Eva, no entanto, era uma mulher que tinha a nitida comprehensão dos seus deveres de esposa, e ao pensar na grande falta que estava prestes a commetter, repelliu com altivez aquelle homem que tentara manchar-lhe a reputação, chamando-o tambem ao cumprimento dos seus deveres de esposo



O Club de Dansas, da cidade de Toledo, na America do Norte, regorgitava de uma sociedade elegante naquella noite de prazeres e alegria. Estava, porém, na hora de Frank Narry, rico negociante de fazenda, deixar a festa, pois, d'ahi a poucos instantes, elle deveria partir para New York, a tratar dos seus altos interesses commerciaes. No dia seguinte, enquanto sua esposa, a meiga e delicada Anna Narry, cuida dos seus afazeres domesticos, com o pensamento voltado para o esposo ausente, elle, na grande e agitada metropole americana, dirige-se á importante fabrica Swansea, a maior productora de fazendas finas, onde fecha avultado negocio de fornecimento de tecidos para o seu estabelecimento.

Dentre o grande numero de vendedores, sobresahia a encantadora Eva Boutelle, cuja belleza favorecia-lhe nos optimos negocios que realisava, dando-lhe, por isto mesmo, uma posição de invejavel prestigio na fabrica e de destaque na sociedade.

Foi Eva a escolhida para realisar a venda dos artigos que Narry desejava e, momentos depois, vamos encontrar os dois a sós, no escriptorio daquella mulher tão formosa quão irresistivel. Narry, logo á primeira vista, sentiu-se fascinado e, espirito fraco, começou a esquecer o seu proprio lar, obsecado pelo fulgor daquelles olhos fascinantes, que de vez em quando o fitavam durante a conferencia commercial.

Dahi por deante, com o pretexto de novas compras a realizar, elle passou a frequentar o escriptorio de Eva, envolvendo-a numa teia de seducção, que ella difficilmente ia resistindo. Naquelle dia, quando Narry chegou no escriptorio de Eva, viu ella mandar depositar no banco um cheque em favor de seu marido, que estava em Chicago desde alguns dias, vendo sobre a mesa o seguinte telegramma "Negocios vão mal. Deposite quinhentos dollares no meu banco, para garantir as minhas transacções".

O que acabava de ver, deu a Narry a impressão de que aquella creatura não podia amar o marido e, assim, lhe seria mais facil do que pensava conquistar o coração da mulher por quem sentia-se apaixonado.

Ficando só com ella, o negociante arriscou uma pergunta: "Gosta muito do seu marido? O que pensa da fidelidade conjugal?"



UNDO AMOR

e de pae. Neste momento, alguém bate á porta. Era Harry Bouteille, marido de Eva, que acabava de chegar. A presença inopinada daquelle homem despertou da lethargia em que se achava a consciencia de Narry, e só então elle pôde comprehender a monstruosidade do crime que estava commettendo contra a sua esposa e contra aquella mulher que acabava de lhe ministrar com hombridade tão proveitoso ensinamento. Arrependido do seu procedimento leviano e incorrecto, cheio de remorso e de vergo-



nha, Frank Narry, immediatamente, parte para junto de sua esposa e da sua filha. Na paz do lar, onde o amor é puro e sincero, elle procura então reabilitar-se da grande falta que commetteu.

(TRUE AS STEEL)

Film da Goldwyn

DISTRIBUIÇÃO

Eva Boutelle.....
Frank Narry.....
Mary Narry.....
Ethel Narry.....
Harry Boutelle.....
Gilbert Morse.....

Aileen Pringle
Huntly Gordon
Cleo Madison
Eleanor Boardman
Norman Kerry
William Haines





Depois de muitos annos de residência em Chicago, Raul Melnotte regressa á França, seu paiz natal, acompanhado de sua genitora, uma bôa senhora cuja unica fraqueza era gostar immenso de Chicago, a cidade que já uma vez mereceu a pécha de ser chamada "o açougue do mundo". Raul, muito ao contrario, preferia a pequena aldeia onde nascera, pois, a despeito do tempo decorrido, ella ainda lhe vivia na imaginação com aquella creaturinha que lá ficára — o seu primeiro amor.

Sim, fôra na vespera de sua partida para a America, aonde elle ia

á cata de fortuna, que, em confidencia com a sua bella Marie, elle promettera-lhe que um dia voltaria com muitos haveres, que comprariam um castello sobre as montanhas visinhas, que se casariam e iriam nelle viver entre risos e venturas...

Em nome

— Vá, meu Raul, e fique descansado que não me casarei com ninguém senão comsigo, dissera-lhe Marie na vespera de sua grande aventura.

E foi ainda embalado pela musica daquella promessa de fidelidade e amor sem fim que Raul se decidiu a vender a sua bem afreguezada garage de Chicago para regressar á sua aldeiasinha, onde ainda o devia estar esperando a sua nunca esquecida Marie, a construir castellos de neve sobre a cumiada dos seus sonhos de moça.

Mas, ai!, quão amarga é a desillusão da vida! De regresso á sua aldeia, Raul lá encontra o antigo castello, onde agora mora a sua noiva de outr'ora, a sua querida Marie, que durante a sua ausencia se fizera rica e orgulhosa, e cujo unico desejo é casar-se com um nobre qualquer que lhe traga um titulo de grandeza.

— O dinheiro pôz a perder a nossa Marie. Desde que compraram o castello da collina que a soberba a tem cega, a ponto de nem mais conhecer os antigos visinhos — diz a Raul uma conhecida a quem pedira informações sobre a sua ingrata.

Apesar do tremendo desengano que tal noticia lhe proporcionou, Raul não se deu por vencido de todo, sempre na sua determinação de reconquistar o coração de sua antiga namorada.

Passam-se alguns dias. Raul compra uma velha garage que havia no lugar, modernizando-a á feição da que outr'ora tivera em Chicago. Os negocios lhe vão prosperando pouco a pouco, e si bem





do Amor

que tenha de redobrar as horas de trabalho, nem por isso lhe falta tempo para que todos os dias, dissimuladamente, mande um lindo ramilhete de flores naturaes á sua querida Marie. Esta, porém, enlevada nos seus sonhos de grandeza, recebe as flores, com deleite, na persuasão de que lhe sejam mandadas pelo Principe de Como, que viaja incognito pela França. A Sra. Dufrayne, a mamãe de Marie, vê naquella bello gesto, cada dia mysteriosamente repetido, um pretendente de fina estirpe, não fazendo questão que a filha despreze as pretenções do Marquez de Beausant, um aristocrata empobrecido, assim como as do cervejeiro Glavis, que outro titulo não tem senão o que lhe outorgam os seus milhões.

Por fim, uma bella manhã, Raul não se contém em guardar por mais tempo o seu incognito, e resolve chamar Marie ao telephone para "descobrir-se".

— Quer saber quem é a pessoa que lhe está mandando aquellas flores todos os dias? — pergunta Raul assim que viu em comunicação com a joven.

— Não me parece ser difficil adivinhal-o... — replica uma voz femina.

— Oxalá não soffra um terrivel desengano ao fazer a descoberta... — diz o rapaz, que, notando que ella não respondia, acrescenta:

— Estou a vér que se engana, pois o seu "principe" não passa de mechanico de garage!

— Um mechanico de garage, sujo e cheirando a oleo!? E como se atreve então a chamar-me? — exclama a joven indignadamente.

A isto, Raul colloca o receptor telephonico no gancho e ausenta-se sem dizer palavra, enquanto que a joven, do outro lado, dava vasas á sua raiva

pelo inesperado descobrimento que lhe era feito. Naquelle mesmo dia, á noite, Raul vae a uma casa de bebidas do logar, pedindo que lhe tragam uma garrafa de *cognac*, evidentemente pensando embriagar-se para esquecer as maguas.

Em uma mesa contigua achavam-se o orgulhoso Marquez de Beausant ao lado do fleugmatico mlllionario Glavis. Um dos creados

(Termina no fim do numero).



Cinearte

Katherine Emerson, aborrecida de sua existência provinciana, queria levantar vôo em de manda de Nova York onde a famosa Quinta Avenida, com o luxo aparatoso que a caracteriza, tinha para ella a atracção dos abysmos. Para uma menina ingenua, acostumada á vida restricta de uma cidade-sinha do interior, esse desejo de Katherine pareceu demasiado extravagante á sua familia, especialmente á tia Symphronia, que via Nova York como uma verdadeira terra de Gommorra, entregue ao atrevimento dos homens adonjuados e infestada pelas meninas de cabelo cotó. Mas de nada serviram as admoestações. Katherine estava moça, cheia de sonhos, e desejava muitos vestidos, chapéos, joias, — luxo que a vida provinciana não lhe podia offerecer, e só trabalhando, dizia ella, poderia comprar para si mil e uma cousas que a sua imaginação ambicionava. E arrebatada pelas azas de sêda e sonho da mocidade, foi Katherine ter a Nova York.

Ao partir, como dizia, levava ella a idéa de trabalhar, mas em caminho, tendo havido um desastre no trem, foi a pobre provinciana atirada, com todos os passageiros do carro em que viajava, do alto de uma ponte ao rio que passava embaixo, e enquanto ella tentava salvar uma linda passageira, cujo apuro e elegancia já tanto admirara durante a viagem, foi esta levada pela correnteza, deixando, porém, em poder de Katherine a sua bolsa de mão por onde a tinha segurado a moça.

Uma vez salva do rio, Katherine deu uma busca na bolsa, nella encontrando uma carta assignada por um tal Nicholas Wentworth, de Nova York, que, a julgar pela rua em que morava e pelos offercimentos que fazia a essa Miss Carson — Madeline Carson era o nome da desaparecida — devia ser cidadão de muitos haveres.

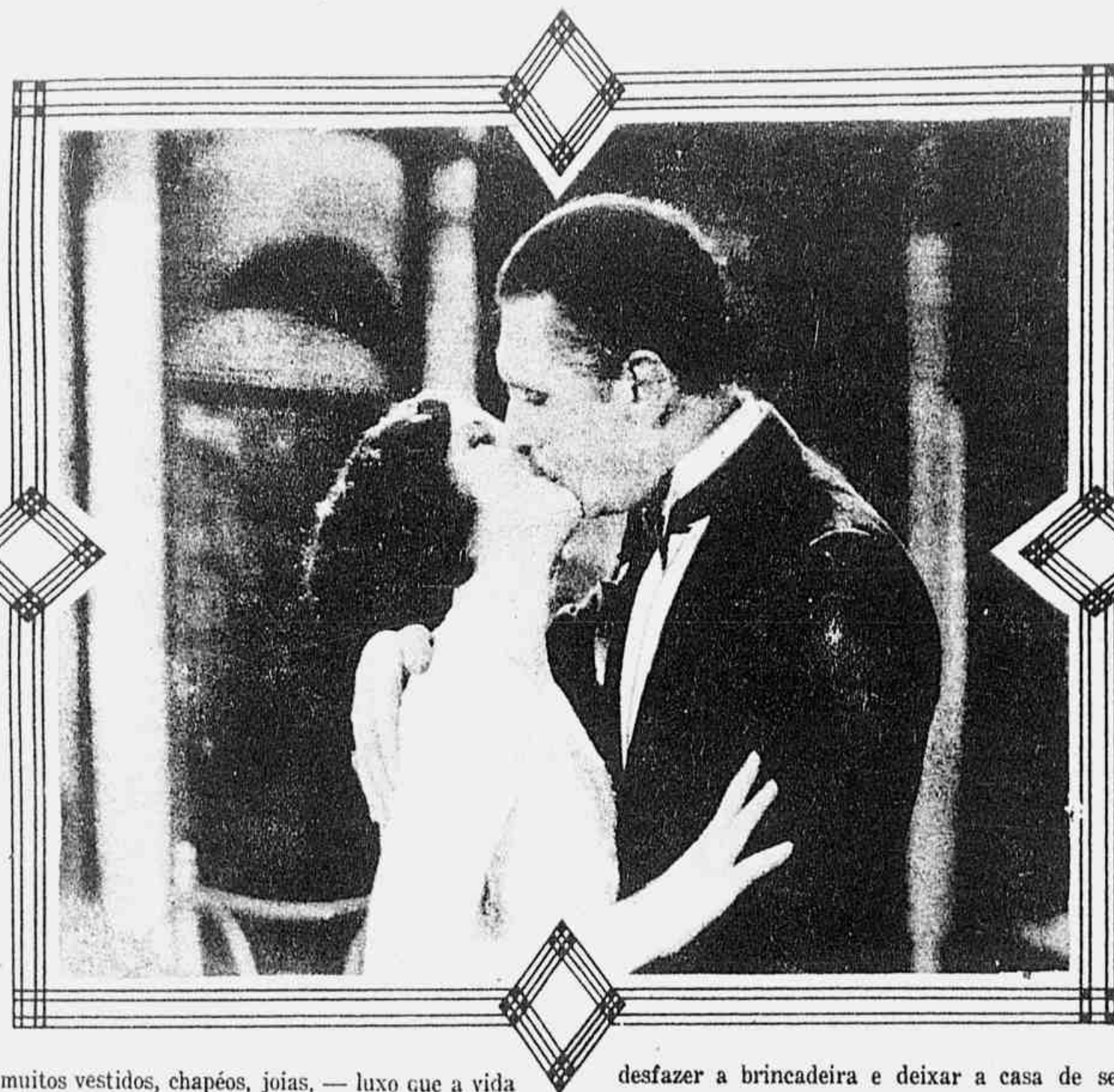
Na carta, Nicholas dizia ter arranjado tudo, deixado mesmo dinheiro com o seu creado de confiança, e que Madeline, durante a estadia d'elle na Europa, poderia vir a Nova York e permanecer todo o tempo em sua linda casa da Park Avenue, pedindo-lhe, porém, uma vez que já nada existia de amor entre elles, para que ella se ausentasse antes de sua volta, que seria em principios de maio.

Ou fôsse por ingenuidade ou por espirito de aventura, Katherine decidiu-se a ir gosar desse paraíso vedado que o acaso lhe proporcionava, e apresentando-se na casa mencionada na carta, foi recebida condignamente por Hobson, o creado de confiança do Sr. Wentworth, como si se tratasse de Miss Carson, de cuja visita elle já estava avisado.

Depois de alguns mezes em Nova York, e de ter escripto á familia, no interior, dizendo achar-se encarregada do estabelecimento de modas do Sr. Wentworth, com muito bom ordenado, etc., etc. Katherine começou a sentir-se sósinha na grande cidade, e uma noite, para mais uma vez jogar com a sorte, comprou dois bilhetes de theatro, atirando um de sua janella á rua para vêr, á noite, quem iria ser o seu visinho de cadeira.

Encontrou-o um sujeito do povo, mas, no theatro, quando a moça luctava contra a sua desillusão, Richard Wayne, um janota de alta roda, percebendo o incommodo da linda pequena, simulou um engano, vindo sentar-se ao lado della. Desde essa noite Katherine teve então um admirador assiduo, mas a quem ella conservou sempre a certa distancia, dizendo-se casada.

Quando já pouco faltava para o mez de maio, tempo em que de-



veria regressar Nicholas Wentworth de sua viagem á Europa, entram um dia pela casa a dentro, ante a terrivel estupefacção de Katherine, a sua familia completa, incluindo mesmo a tia Symphronia, que, ao ver a menina de pyjama de sêda, por pouco não perdeu os sentidos. A mamãe de Katherine, porém, desconfiou de tudo aquillo, 'samente descansando depois que a filha a informou que sim, que havia casado, e que Nick, o marido, tendo sido chamado inesperadamente á Europa, exigia que tudo ficasse em segredo até a sua volta, que seria em maio proximo. Dito isto, ficou a nossa casadinha á espera que a familia regressasse ao interior para, sem que ninguém o soubesse,

desfazer a brincadeira e deixar a casa de seu generoso desconhecido tal como exigiam os dizeres da carta.

A familia, porém, ia cada vez mais se aclimatando á vida buliçosa da cidade e nem sequer sonhava voltar. Quando, um dia, Katherine suggeriu o regresso de todos, foi a tia Symphronia quem primeiro se manifestou, dizendo:

— Eu? Voltar para aquelle calcanhar de judas? Está muito enganada! Eu vim aqui para uma visita em regra, e não para uma vista d'olhos!

Mas o mez de maio estava á porta, e um dia, espantado do povaréu com que não sonhava sequer, entra Nicholas, que, sem querer dar escandalos, preferiu antes saber aos poucos do que se tratava.

Quando Katherine o encontrou sosinho, explicou-lhe tuao, rogando que

ESCRAVA



Cinearte

lhe perdoasse a imprudência commettida, promettendo ir trabalhar para pagar-lhe toda a di-nheirama expendida com ella e manutenção de sua família.

A aventura era interessante, especialmente levada a effeito por um pequenão como era Katherine, e o rapaz, a quem nenhuma falta fazia o di-nheiro gasto, quiz antes divertir-se com os sobressaltos e temores da joven visitante. E elle, para mais atemorizal-a ainda:

— Franqueza: para uma pequena de aldeia, a minha amiguinha deu provas de que tem geito para a cousa! Mas agora, que já terminou a nossa festa, e a minha "doce innocencia" gosou de sua bella visita a Nova York, com bastante dinheiro, casa, lindos vestidos, etc., vou fazer as nossas contas para ver ao certo quanto me deve...

Mas, em verdade, as contas não se faziam e os dias iam-se passando e com elles augmentava a familiaridade entre os dois. Por fim chegou a situação onde devia chegar: Katherine era joven e bonita; elle nem era lá tão joven nem bonito, mas estava bem installado na vida e podia manter uma mulherzinha sem grande trabalho, portanto a solução era tornar em realidade o que vinha sendo uma simples brincadeira.

Proposta a solução, Katherine acceitou-a incontinenti, e sem mesmo derem noticia de nada aos presentes para que ficasse como verdade a mentira ingenuamente pregada pela linda provinciana, realizou-se o enlace secreto de Katherine e Nicholas Wentworth, enquanto que a tia Symphronia,

ranzinza como era, ficou os pés em Nova York e nunca mais quiz voltar á sua cidadezinha do interior com medo da lingua de prata das comadres que lá deixára...

■ ■ ■ ■ ■
ES CRAVA DO LUXO
 (A Slave of Fashion)
 Film da Metro-Goldwyn

DISTRIBUIÇÃO:

Katherine Emerson
 Norma Shearer
 Nicholas Wentworth
 Lew Cody
 Dick Wayne
 William Haines
 A Sra. Emerson
 Mary Carr
 O velho Emerson
 James Corrigan
 A tia Symphronia
 Vivía Ogden
 Madeline
 Miss Du-Pont
 Hobson, o mordomo
 Sidney Bracey.

O poder do luxo! Que de attracção não exerce elle sobre as cabecinhas levianas das Elviras e Margaridas dos nossos dias! Mas o seu poderio sempre existiu! A sua historia começou no jardim do Eden, quando a mamãe Eva se lembrou de tecer a sua primeira tanga, — e desde então, que digam os maridos conscienciosos o quanto lhes tem custado o embonecamento de suas esposas!

DO LUXO

Lita Grey, agora Mrs. Charles Chaplin, vae presentear o grande comico com mais um Carlitinho.

■ ■ ■ ■ ■

Rumoreja-se que George O'Brien está noivo de Olive Borden. Antigamente dizia-se que a sua noiva seria Dorothy Mackaill...

■ ■ ■ ■ ■

Hobart Henby reformou o seu contracto com a Metro-Goldwyn.

■ ■ ■ ■ ■

Dorothy Gish regressou da Inglaterra depois de terminar *Nell Gwyn*. Talvez voltará a Londres para "pousar" em mais dous films.

■ ■ ■ ■ ■

Adolphe Menjou está fazendo muito successo e a sua esposa já falla num divorcio.

■ ■ ■ ■ ■

O endereço de Richard Barthelmess é 565 Fifth Avenue New York City.

Nasceu em 9 de Maio de 1895.



A ultima entrevista com Barbara La Marr

Muitos foram os meios de locomoção que tive de me servir para chegar ao "studio" de Sawyer e Lubin, em Fort Lee, New Jersey. Ao sair do "Subway", entrei num pequeno vapor para passar de New York a New Jersey, feito o que, tornei a entrar num "tramway". Cheguei por fim á pequena colonia estabelecida para além das Palisadas, essas immensas muralhas que parece estarem alli para impedir que a minúscula povoação de Fort Lee se precipite nas aguas do Hudson.

Nella vive um grande numero dos maiores artistas da téla americana. O percurso foi bastante exaustivo mas, todas as minhas penas morriam ao lembrar-me eu que ia ter o prazer de uma conversa com uma das mais formosas estrellas do "screen". Chegando ao "studio" verifiquei que ainda dispunha de alguns minutos até que chegasse a hora combinada da entrevista. Puz-me, portanto, a vagar pelo "dot", ou seja a vasta extensão de terreno cercado no qual são apanhadas quasi todas as scenas exteriores. É uma verdadeira cidade pequena. De um lado, vi uma cidade do Mediterraneo; mais adeante, um lindo aspecto de uma praia de Singapura. Em outra parte, havia uma casinha de campo como que aninhada em um bosquesito em miniatura e, fazendo contraste com ella, em sua frente, erguia-se vasta cathedral com os característicos de um templo da Sul da França. Tudo aquillo era verdadeiramente impressionante. Esgotados os minutos que me separavam do momento de falar a Miss La Marr, penetrei no "studio" propriamente dito. Um empregado apontou-me uma cadeira que fazia parte de um semicirculo de outras dispostas por traz de uma bateria de deslumbrantes focos luminosos, de uma porção de gente a se esguelar e de uma "camera". Um homem de apparencia muito sympathica, alto, angular, estava sentado ao lado da "camera". Ainda não havia mudado de posição desde que eu entrara e parecia abysmado em profundos pensamentos, quando, de repente, levou um megaphone aos labios e gritou: "Silencio! Attenção!, e logo depois: "Camera! Vamos, Barbara!" Inclinei-me um pouco e pude lêr através a meia obscuridade o nome de Phil Rosen no espaldar da sua poltrona. Agora, de uma especie de basti-

dores, vinham as melodiosas notas de uma aria popular, "Bose of Picardy", e todos os olhares estavam concentrados na passagem pela qual Barbara La Marr apparecia. Assim que a "camera" começou o seu gyro rhytmado, Miss La Marr surgiu em toda pujança de sua maravilhosa belleza. Para mim ella é mil vezes mais formosa em pessoa. Entre duas scenas aventurei-me pôr entre as montagens e consegui que Bert Ennise me apresentasse a ella e a Phil Rosen. Barbara puxou-me para um canto mais socegado e com um delicioso sorriso disse estar á minha inteira disposição. Disse-lhe então, na qualidade de representante de "Cinearte", o meu desejo era que ella me contasse a sua vida para satisfazer a curiosidade dos seus admiradores do Brasil. Não foi necessario fazer muitas perguntas. Barbara, habituada já com as entrevistas, começou:

Perdi os meus paes na mais tenra idade. Minha mãe era franceza e passou a maior parte de sua existencia no palco. Quando eu tinha apenas um anno, ella morreu. Por ahi póde vêr se é possível eu ter qualquer lembrança sua. Meu pae pertencia a uma familia muito nobre. Disto eu estou certa. Vim para a America com apenas cinco annos de idade. Já faz tanto tempo!

Na California fui residir com uma familia de nome Watsme e, que foram para mim as creaturas mais bondosas que jamais conheci. Fiz a minha estréa no palco com oito annos, em uma companhia ambulante.

Depois de um segundo Verão com esta companhia, desejei ir para uma cidade maior, onde seria mais firme a minha carreira. Em Spokane, Washington, onde estive até os doze annos, vi uma bôa oportunidade com uma "troupe" de bailados com a qual percorri durante quatro annos a California.

Dahi vim para New York, onde adquiri bôa reputação como bailarina, conhecendo então Ben Deely, com quem percorri todos os Estados Unidos. Pouco tempo depois, porém, a minha já combalida saude aggravando-se obrigou-me a abandonar o bailado. Sempre alimentara a esperança de me tornar uma escriptora de fama. Dediquei-me, portanto, a escrever contos, até que consegui ver um delles acceito por uma grande companhia cinematographica. Isto me deu a primeira idéa sobre o cine, e, foi tanta a fascinação que elle exerceu sobre mim que bem depressa arrisquei a minha figura em pequenos papeis.

Assim trabalhei com Harry Carey, em "Pista Inapagavel"; e a Fox fez "Formosa Feiticeira", etc.

A minha grande oportunidade, porém, só veio quando Douglas Fairbanks me propôz trabalhar em "Os Tres Mosqueteiros". Desde então poucos têm sido os meus dias de ocio. Entre os films que mais contribuíram para o successo da minha carreira, devo citar: "O Prisioneiro de Zenda" e "Frisol Amor", com o extraordinario Ramon Novarro, a "Noite Fascinante", do grande Fred Niblo, "Mariposa Branca", "Sandra", "Cidade Eterna", "Vencedora de Corações" e agora este que estou estrellando "The White Monkey".

Neste momento chamaram Barbara em altas vozes. Só então notei que a nossa conversa já durava havia meia hora.

"Tenho de regressar ao trabalho", disse então Miss La Marr: Na verdade eu tinha vivos desejos de tornar a vel-a deante da "camera". Depois de carinhosa despedida, volvi a sentar-me na minha cadeira.

O Director Rosen tornou a pedir silencio. Ouviram-se outra vez os mesmos harmoniosos accordes. Um momento mais e a "camera" recommçou o seu gyro. Pela ultima vez fitei Barbara e sahi do "studio", levando na alma a mais deliciosa impressão.



MISS ZELLNER ENTREVISTANDO BARBARA LA MARR, ESPECIALMENTE PARA O "CINEARTE". AO LADO ESTÁ O DIRECTOR PHIL ROSEN

Desde Agosto tínhamos esta entrevista de Miss Zellner, guardada para o CINEARTE. Com a morte recente da querida estrella da First, ella se tornou a "ultima entrevista"...

O VEREDICTUM (THE VERDICT)

FILM COM A INTERPRETAÇÃO DE
LOUISE LORRAINE, LOU TELLE-
GEN, WM. COLLIER, GEORGE FAW-
CETT, GASTON GLASS E ELLIOT
DEXTER



A primavera inspirava amor e punha um encanto indescritível á avenida, onde, a cada passo, encontravam-se romance e mocidade. Era na avenida que se achava o velho estabelecimento de Ronsard & Filho. Mesmo nesse grande estabelecimento de modas a primavera fazia sentir os seus magicos effeitos.

Jimmy Mason, o guarda-livros da casa, e Carol Kingsley, amavam-se. Carol encontrava-se em seu quarto de "toilette" a pôr um vestido que devia ser visto pelas freguezas ricas. Victor Ronsard, filho do proprietario, era um homem que pouca conta fazia das desgraças alheias, assim é que elle deseja ardentemente possuir Carol, embora elle fosse casado e ella comprometida. O pae de Victor vae passando e o vê tentando seduzir a linda modelo; censura-o e o manda se retirar.

Havia passado este incidente. Carol sahira da casa de modas, pois estava agora cuidando do seu enxoval. Um dia ella vem ao estabelecimento afim de collocar um retrato seu sobre a escrevaninha do noivo. Estava assim descuidada no escriptorio do noivo, quando entra Victor Ronsard e recomeça a sua tentativa. Vendo-se repudiado, elle faz Carol sabedora que Jimmy havia dado um



joven, sem meio de obter os papeis, enquanto Victor ia attender á ex-esposa, toma um revólver que estava numa gaveta, não sabendo o que mais fazer para salvar Jimmy, resolve pôr termos aos seus soffrimentos.

Victor continuava com as suas caricias de abutre, quando foi novamente chamado... No escuro... um tiro... um chamado desesperado á policia. Todas as suspeitas estavam contra a pobre Carol, quando chega Davis, um ex-condemnado, que agora era o secretario de Victor Ronsard. Este é inquerido e, depois de varias pesquisas, o detective acha uma arma no quarto de Richard, o velho creado. Elle tambem tivera parte no crime, dizia o detective, porém Jimmy chega. As provas estão agora contra elle, pois, momentos antes elle fugira dalli e jogára o revólver, que Davis apanhára e estava em mãos da policia. Inquerido, elle disse que quando chegára já encontrára Victor morto e que, ao approximar-se da policia, tentára fugir, mas, vendo o portão

(Continúa no fim do numero).

Cinearte

NO DOMINIO DO "JAZZ"



A mocidade de hoje...

Ainda bem que, nem de longe, a temos assim, mas, segundo o que se depreende do que vemos nos films americanos, a mocidade de lá não cuida de outra coisa que do "jazz". Aqui, o "jazz" mexe com os nervos da nossa gente moça, mas lá elle significa loucura, e mesmo orgia!

Veja-se o que se fazia naquella club elegante, o Briar Cliff, onde a mocidade se deixava tomar pelo furor daquelles accordes sem harmonia que as orquestras de negros, com instrumentos exóticos, sopravam e arrancavam das cordas. A lei do Sr. Volstead não existia para elles. Não havia no "buffet", mas cada rapaz tinha a sua garrafa de bolso, de onde distilava o "whisky" ou "rhum", e todos bebiam, todos, até as moças! E, tomados pelo alcool, eil-os que fazem verdadeiras loucuras alli.

Mas nem toda a mocidade está tomada pelo virus do "jazz". Marian Hale, por exemplo, preferia ficar em casa ao lado de seu pae. E' bem verdade que não havia ainda muitos mezes que deixára o collegio, mas o certo é que a casa do Sr. Hale era vizinha ao Briar Cliff, e até alli chegavam os sons dos "fox-trots" e tangos, sem que lhe sacudissem os nervos. E, em visita á mansão Hale, vemos Tom Carroll, um antigo namorado de Marian, que vinha sempre visitá-la, e também

elle não se commovia ante as notas estridentes que chegavam até os dois.

Entre os que mais se divertiam daquelle geito, procurando no alcool a alegria e a acção das pernas para a dança, estava Arthur Carlton, cuja divisa era esta — "todos nascemos para pandegar". Naquella manhã, entretanto, como ainda era cedo, Arthur não tratava nem de beber nem de dansar, foi jogar o "golf", e o resultado foi que em uma "tirada" a sua bola foi bater á janella do quarto de Marian, partindo a vidraça. E elle se deu pressa em apresentar as suas desculpas, e só então se defrontaram, com grande surpresa e ao mesmo tempo grande alegria. E' que, si Tom gostava de Marian desde menina, sempre tivera um rival em Arthur...

A visita de Arthur se prolongou até á tarde. Foi quando o ruido do "jazz" se fez ouvir, e com espanto elle soube que ella ainda não sabia dansar o "Charleston", o ultimo passo da moda. Queria aprender? E, alli mesmo, enlaçando-a, elle lhe ensinou a dança. Era o primeiro passo de Marian para o "jazz". E, dahi, não foi difficil fazel-a frequentar o Briar Cliff, ella começou também a rodopiar ao som do saxophone e dos rufos da caixa.

Entretanto, Marian não se amoldava aos costumes da mocidade alegre que alli se divertia, e Arthur teve de soffrer a sua influencia. Elle lhe confessou o seu amor, de ha alguns annos, e ella também lhe abriu o seu coração, e ao mesmo tempo lhe contou o unico desgosto que tinha: — de vel-o beber... E Arthur prometeu então que, por amor della, abandonaria por completo o alcool.

Naquella noite, porém, sentia ainda os effeitos do "whisky" quando viu apparecer seu pae, e o Sr. Carlton estava furioso, pois, candidato á senatoria, acabava de receber uma carta do directorio politico que lhe falava das estroinças do seu filho, que podiam ser perigosas para a campanha a seu favor. Marian intervém em favor de Arthur, o que faz o futuro senador exclamar:

— Cuidado, menina. Conheço meu filho. Ha homens que não se salvam mais, e quem quer lutar por elles acaba sendo levado na mesma onda que os está tragando!

Quando na manhã seguinte Tom Carroll foi á casa do pae de Marian, para lhe dizer que tinha sido nomeado para uma commissão na Europa, e ia partir, pelo que desejava pedir a mão de sua filha, soube que ella, na vespera, se casara com Arthur, o que o pae sabia apenas por uma carta que ella deixára! E elle



Cinearte

cabisbaixo se foi dali, não mais querendo que chegasse o dia seguinte, de sua partida.

Entretanto, parecia que Marian tinha feito mesmo o milagre. Tres mezes se passaram sem que Arthur bebesse mais. Mas chegou o Carnaval... Foi na vespera que de repente o casal viu a sua casa invadida por aquelle mesmo grupo de estroinas que costumavam se divertir no Briar Cliff. E com elles vinha uma carregação de frascos suspeitos... Arthur não pôde resistir. Seria um pouco apenas, e Marian teria de beber um gole de licor, para não desgostar os convidados, e provar que amava o seu maridinho...

Marian tomou aquelle gole, e outros atraz daquelle... Sentia agora a vertigem do alcool, e o desejo immenso de dançar, de divertir-se! E, foi quando mais accessa estava a festa, que alli chegaram os paes de ambos, o senador e o Sr. Hale. Ante aquelle espectáculo triste, em que tomava parte a propria filha, Hale abaixou a cabeça e se retirou, enquanto o amigo murmurava a seu lado:

— "Eu não disse que, para se salvar um afogado muitas vezes se é levado pela onda?..."

Algumas horas depois, quando o alcool se dissipara um pouco de sua cabeça, Marian cahiu em si do que fizera, e quiz ir pedir perdão ao seu pae. E



lhas de aspyrina, que lhe amorteciam a dor e lhe davam coragem para ir vivendo outras noites de orgia, em companhia do proprio marido, e de uma mocidade leviana que se divertia estragando-se!

Entretanto, já nem sempre o acompanhava. Sentia-se fatigada, como que enlouquecendo. E Arthur sentia-se bem, porquanto agora ha uma outra mulher em sua vida, Antoinette. "Toinette", como a chamam, a rainha do cabaret, tornou-se a amante exigente, e elle se presta a todos os caprichos. A pouca vergonha do meio levou mesmo um dia Toinette acompanhar os

(Continúa no fim do numero).

foi encontrá-lo, sentado em um divan, junto á lareira. Mas — infeliz della! — o pae não resistira á dôr immensa, e uma syncope o prostrará alli, para sempre, o coração parado, sem poder ouvir mais o pedido de perdão de sua filha.

E os mezes se passaram. Agora, Marian quer esquecer tambem, e segue o marido em suas verdadeiras orgias, si bem que pretexto o querer salvá-lo do vicio. Foram ter a Paris e, alli, procuravam se divertir de todos os modos. Vagueavam todas as noites, como mariposas em busca de luz, associando-se aos saturados de prazeres. Estavam hospedados em um hotel de primeira ordem, em uma "suite d'appartments" que não ficava distante do grande salão, de onde vinha o ruido constante do "jazz", que já empolgára a sociedade parisiense.

Para Marian, aquella vida, de alguns mezes, em noites constantes, já cançara. Ella comprehendera que não seria mais possivel parar o seu marido naquella ladeira ingreme, e agora o acompanhava sempre para evitar maior mal. E o som do "jazz" já lhe entrava pelos ouvidos e retinia no cerebro, deixando-a como que louca. As fontes lhe latejavam, doloridas, quando se acordava, já tarde, ouvindo o "jazz" que estrondava lá embaixo. E ella, como que automaticamente, se dirigia ao pequeno armario dos medicamentos, e ia deglutindo as pasti-





Afinal de contas, depois de todos os absurdos que se tem dito sobre as estrellas e estrellos do Cinema, elles nada mais são que simples seres humanos, passíveis dos mesmos vícios e com as mesmas virtudes que a todos são communs.

Levantam-se pela manhã, bem cedo, arrancados desse tranquillo somno de quem passou o dia em constante e azafamado labutar, por um cruel e barato despertador, e depois de uma refeição que em nada differe das nossas, dirigem-se ao "studio", onde immediatamente se entregam á tarefa quotidiana.

Trabalham arduamente, apenas descansando a pequenas intervallos como qualquer dos seus admiradores, e nas horas de lazer, quando

UM DIA COM AS ESTRELLAS...

(Especial para o CINEARTE
por gentileza de Ruth
Roland)

de preferencia se procura as praias e os sitios socegados e apraziveis, ainda temos de accrescentar ás outras mais esta desillusão: procuram justamente os mesmos logares que nós...

Em um destes ultimos domingos fui despertado pelo incessante tilintar da campainha do telephone, como se algum facto importante viesse de acontecer. Ainda tonto de somno, pullei rapidamente para fóra dos lençóis, e, atirando um roupão de banho sobre mim, desprendi o receptor, para immediatamente perceber com grande alegria, do outro lado da linha, a maviosa voz de Ruth Roland a me perguntar se eu gostaria de acompanhá-la em um passeio até a praia. Espero que me não vão fazer a injuria de acreditar que recusei...

As 8 horas mal acabavam de irromper, quando um luxuoso "Packard" do ultimo modelo, dirigido pela propria Ruth, arrebatou-me de casa e em uma carreira louca para o Pacifico me fez cahir entre cestas de iguarias, "raquets" de tennis, anzões e todos os outros petrechos indispensaveis em um dia de folgedos.

"Aposto em como além de habil manejador da penna nada mais sabe", disse Ruth, quando em delirante disparada para Santa Monica, apontando para os objectos que me atormentavam, "comtudo, julgo que apreciarás saber como os artistas do Cinema aproveitam os seus dias de folga, além do

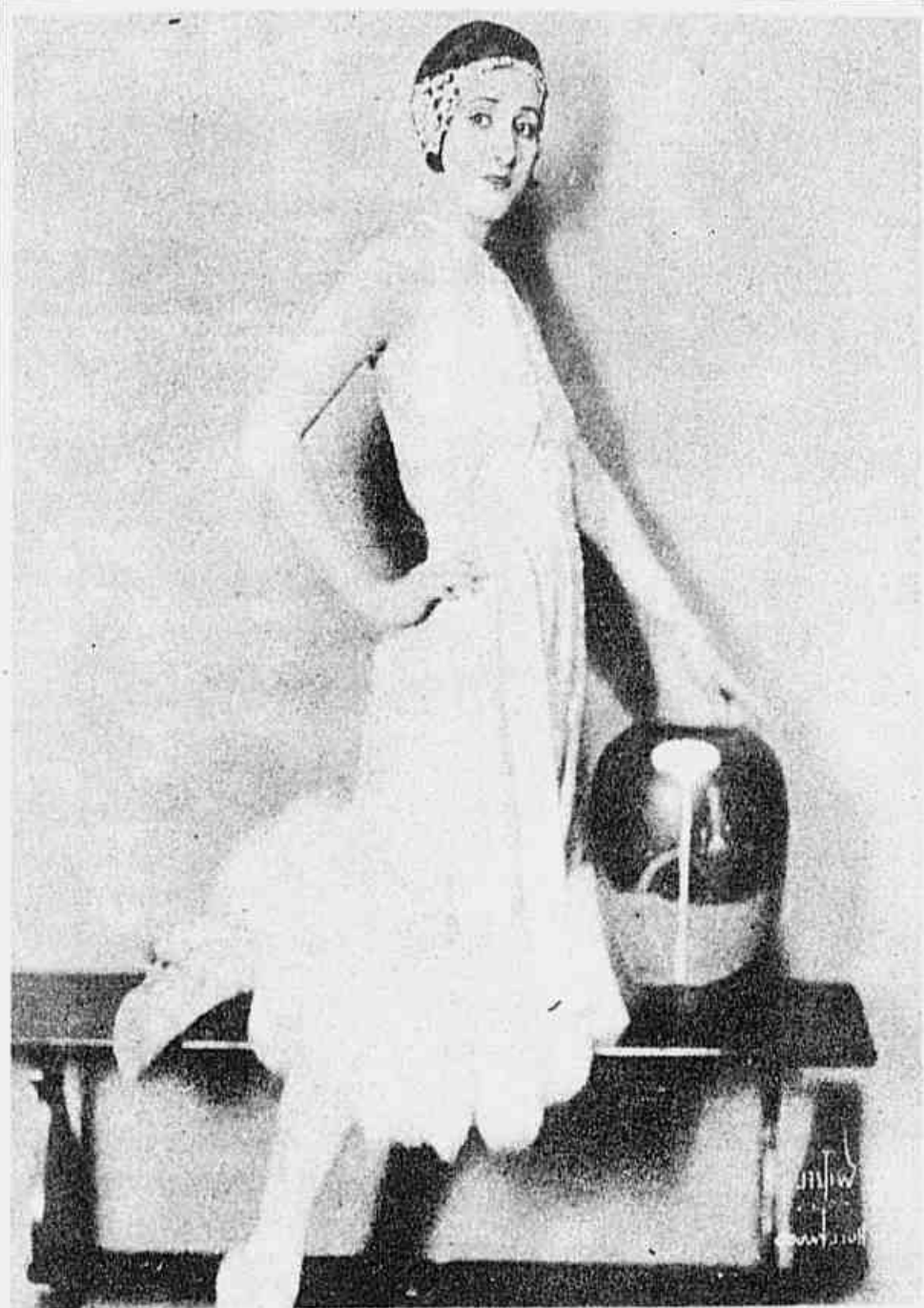
prazer real que auferirás desta circunstancia.

Succedia ser dia do primeiro anniversario do casamento de William Russell e Helen Ferguson, como mais tarde eu soube, e para commemorar com a maior alegria possivel tão auspicioso acontecimento, os dois pombinhos haviam convidado as pessoas caras para reunirem-se em sua casa á beira-mar.

Como se vê, não era um dia propicio para um chronista cinematographico revelar as suas qualidades de indiscreto, como muito bem fez notar a deliciosa Ruth, mas em todo caso eu poderia muito lucrar com o acontecimento.

(Continúa no fim do numero).





DIANA MILLER, DA FOX...

Betty Compson nasceu em 18 de Março de 1899.

■ ■ ■ ■ ■

O filho de Harold Lockwood está trabalhando no Cinema, já figurou em "The Viennese Medley".

■ ■ ■ ■ ■

Lois Weber vai dirigir um film da Universal com Mary Philbin e Francis Bushman.

■ ■ ■ ■ ■

Richard Dix e Gloria Swanson estão ganhando o Concurso do Motion Picture Magazine.

■ ■ ■ ■ ■

Norma Shearer disse que os beijos que lhe deu John Gilbert naquella scena do "picnic", em "Vingança de Palhaço", foram os mais românticos que



NORMA SHEARER, DA METRO-GOLDWYN

JUNE MARLOWE, DA WARNER...

ella recebeu no Cinema. Margaret Livingston diz que está aborrecida destas scenas porque sempre é ella quem tem que procurar os beijos. E Marie Prevost afirma que o melhor beijo do mundo foi o que lhe deu Kenneth Harlan em "Bobbed Hair". E casaram-se...

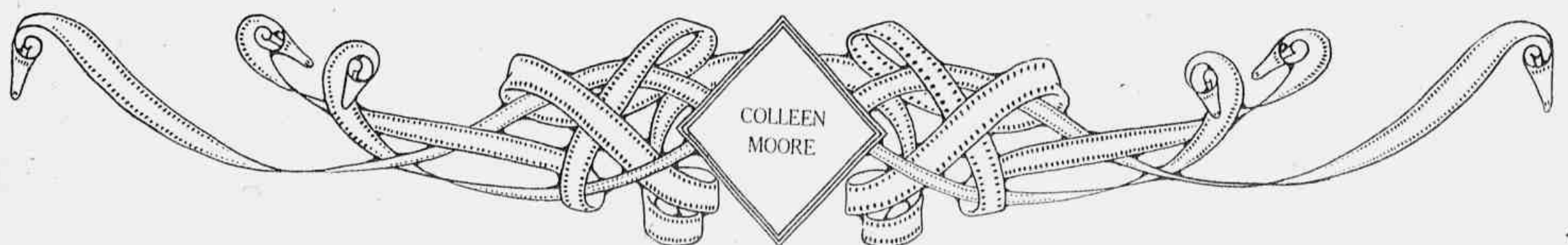
■ ■ ■ ■ ■

Richard Dix vai ser um dos principaes actores de "The Sorrows of Satan", o grande film da Paramount que Griffith vai dirigir.

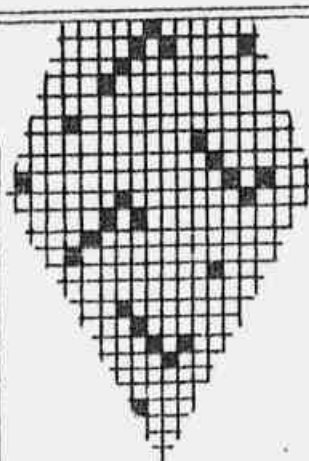
■ ■ ■ ■ ■

John Gilbert é hoje o mais popular e o mais querido actor dos Estados Unidos, devido ao seu desempenho em "The Merry Widow", "The Big Parade" e "La Boheme".

Cinearte

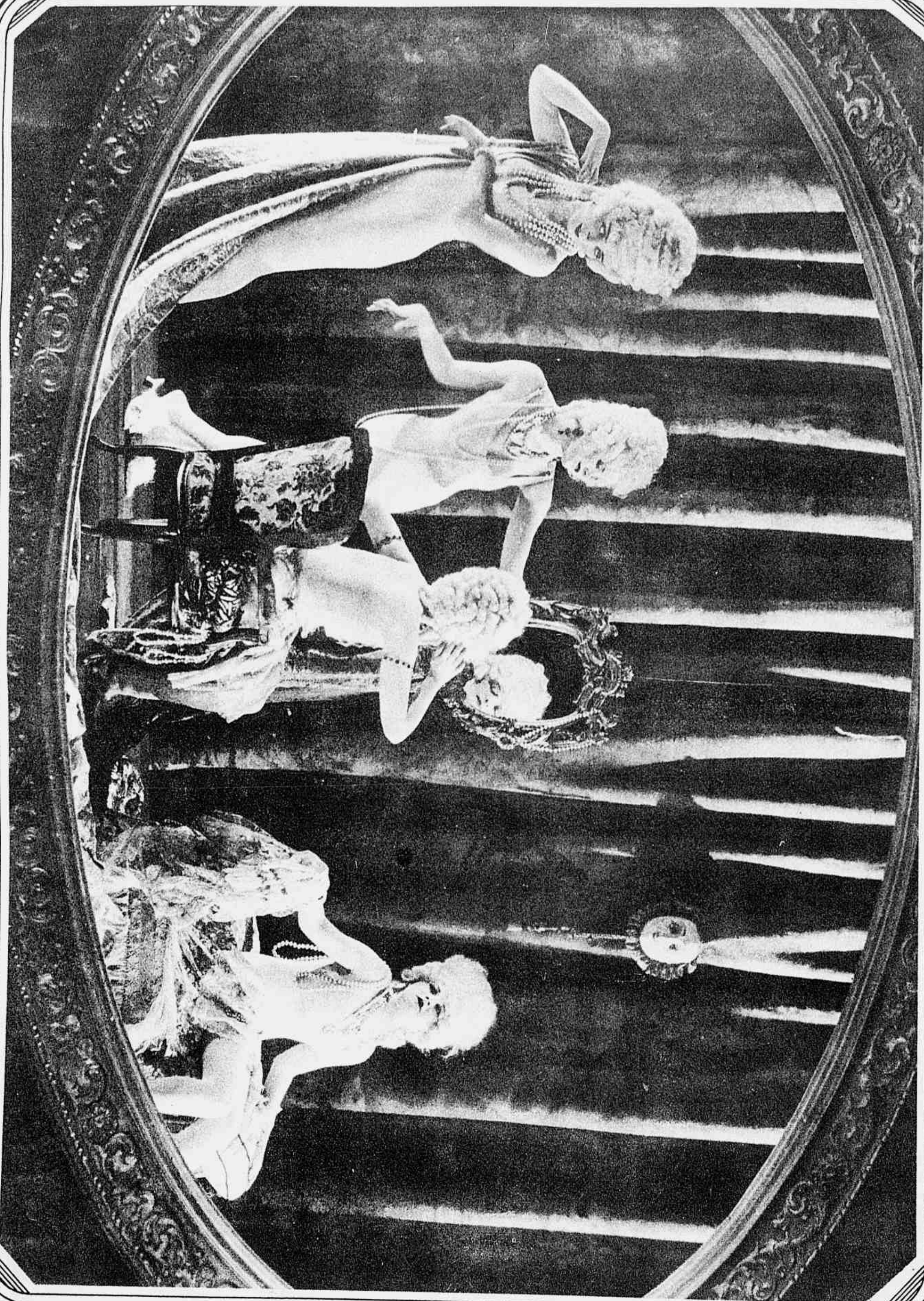


Cinearte

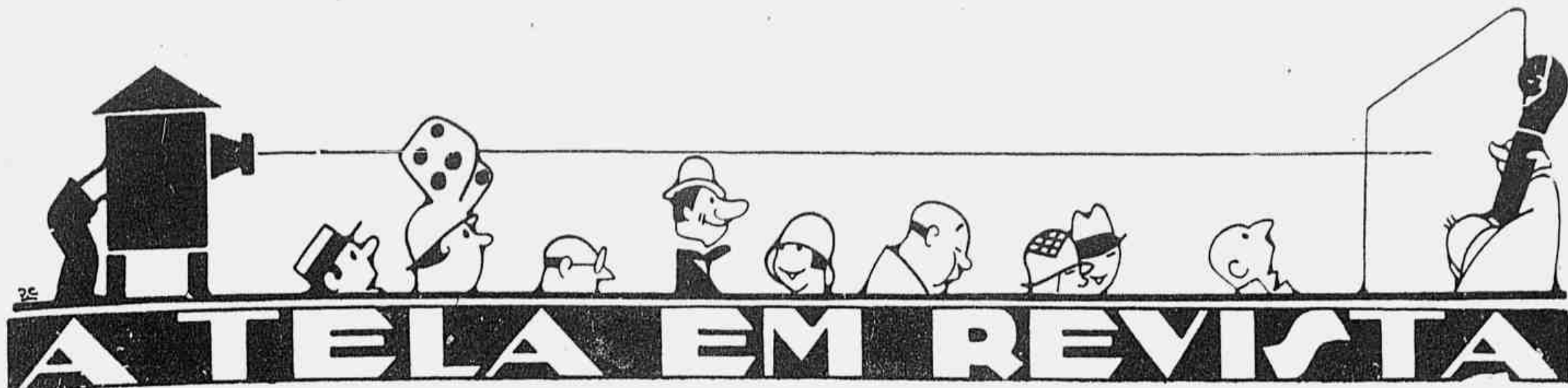


GLORIA
SWANSON
numa visão de
Salomé, em
STAGE
STRUCK,
da Paramount.





SCENA DO FILM
DA PARAMOUNT
"THE AMERICAN
VENUS"



RIO DE JANEIRO

IMPERIO:

"O lobo dos montes" (The Timber Wolf). Fox. Produção de 1925. Um dos bons filmzinhos de Buck Jones. Neste film elle vence sempre, não tem esta cousa de levar uma pancada na cabeça no melhor da luta. Aliás, W. S. Van Dyke é quem melhor tem sabido apresentar o "cow-boy" da Fox.

O film agrada nas primeiras partes porque tem um tom romantico mixto de "O Selvagem" e "A brutalidade". O desfecho é usual, satisfazendo a platêa. Elinor Fair está linda como nunca. David Dyas, o saudoso galã de Gladys Walton do mais saudoso filmzinho "A rainha do ar", reaparece, mas com o seu bigodinho "a la" Douglas Fairbans. Póde ser visto.

"Sugestões para reclame": — Digam que é um dos melhores films de Buck, genero "Brutalidade".

Não se esqueçam de Elinor Fair. Fallem dos progressos artisticos e da sympathia do "estrello".

"Elles o chamavam o "Lobo dos Montes", porque elle sabia lutar."

"Resumo tecnico": — Autor, Jackson Gregory. Director, W. S. Van Dyke.

● Completou o programma, um Pathé News fantasiado, uma comedia da Century, com Wanda Wiley, "Dez minutos para se casar" e um film do Carnaval, o unico passavel porque ao menos está limpo, é curto e não tem letreiros espirituosos.

CENTRAL:

"A cortina rasgada" (Parted Curtains) — Warner Brothers — Produção de 1920. — Um dos primeiros films que fez a Warner. Enredo fraco, com mais uma regeneração de um ex-convicto, mas tem Henry B. Walthall num desempenho admiravel, principalmente na scena do calice. Mary Alden, sem oportunidade.

"Sugestões para reclame": — O nome dos artistas. O desempenho de Walthall. O thema.



PAULETTE DUVAL

PARISIENSE:

● "A legenda de Hollywood" (The Legend of Hollywood). — Prod. Dist. — Produção de Agosto, 3, 924. — Uma historia publicada no Photoplay, mostrando mais uma vez que nem sempre Hollywood dá fama e fortuna. A situação culminante é interessante. As scenas são longas e não emocionam propriamente, dão nervoso. Entretanto, estão maravilhosamente interpretadas por Percy Marmont, o eterno "Mark Sabre", e melhor dirigidas.

Ha varias scenas passadas numa pensão onde se hospedam artistas de Cinema que são boas e fazem rir, principalmente por causa dos letreiros que estão bem feitos. Os fanaticos de Cinema, gostarão e o film mesmo é bom. Zasu Pitts, no seu genero. Alice Davemport, que era a sogra de Wallace Reid, como talvez pouca gente saiba, está muito natural. Os typos da pensão são optimos.

"Sugestões para reclame": — A acção do film passa-se em Hollywood, tirem partido. Digam que é mais um importante trabalho de Percy Marmont. É difficil escrever para o Cinema? Annunciem vistosamente aquelles Sete calices, sem dizerem do que se trata.

"Resumo tecnico": — Autor, Frank Condon. Adaptador, Alfred A. Cohn. Operador, Karl Strauss. Director, Renault Hoffman.

PATHE:

"Dias de intrepidez" (Daring Days). — Universal. — Produção de 1926. — O segundo film de Josie Sedgwick. Uma commum historia de "far-west". Assim mesmo, melhorzinha do que estas que nós conhecemos... Tem o seu lado interessante porque Josie é a unica "cow-girl" do Cinema que nos tem apparecido ultimamente. Edward Hearn é o galã. Os apreciadores gostarão.

"Sugestões para reclame": — O nome de Josie, como "cow-girl".

Ha sempre dias de intrepidez quando uma mulher se torna prefeito".

"Resumo tecnico": — Autor, George Hull. Director, John O'Brien. Operador, Ben Kline.

● "Vae-Vens da vida" (The Calgary Stampede). — Universal. — Produção de 1925. — Um dos melhores films de Hoot Gibson. É o seu primeiro bom film, desde que Edward Sedgwick lhe abandonou. Hoot está no seu elemento e agrada.

Ha variedade de scenas do genero e termina com uma corrida num rodeio em Calgary, Canada, feito em Universal City...

Virginia Browne Faire é a pequena, mas apparece uma tal Inez Seabury...

"Sugestões para reclame": — O nome de Hoot como "cow-boy". Virginia Brown Faire. As scenas do rodeio.

Resumo tecnico": — Autores, E. Richard Schayer e Don Lee. Operador, Harry Neuma. Director, Herbert Blache.

IRIS:

● "No palacio do Rei". (In the Palace of the King). — Cosmopolitan. — Goldwyn. — Produção de Outubro de 1923. — O typo do film de "costume" com grande montagens e multidão de extras. É longo. Interessa, aborrece, torna a interessar e acaba. As mesmas situações de sempre, nos films do genero. Montagens grandiosas, bom elenco.

Não é um film allemão de "costume"...
 "Suggestões para reclame": — A montagem. Os nomes de Edmund Lowe, Blanche Sweet, Hobart Bosworth e Aileen Pringle. O titulo serve para muita cousa.

"Resumo tecnico": — Autora. Marion Crawford. Scenario, June Mathis. Operador, Lucien Andriot. Director, Emmett Flynn.

● "Confiança e convicção" (The Day of Faith). — Goldwyn-Cosmopolitan. — Produção de Outubro, 21, 1923. — Não é um film daquelles que Tod Browning apresentava em tempos. Um film relativamente fraco, apresentando um thema que podia ser melhor explorado e foge da logica com algo de "Professor Mozart" e outras cousas mais.

Eleanor Boardman, assim, assim. Raymond Griffith ainda faz rir.

"Suggestões para reclame": — "O proximo é perfeito". As idéas do thema. O nome dos artistas, hoje celebridades.

Resumo tecnico": — Autor, A. Somers Roche. Scenario, June Mathis e Katherine Kavanaugh. Director, Tod Browning.

I D E A L :

"A ultima esperança" (Code of the West). — Paramount. Produção de Abril, 6, 1925. — Uma produção fraca. Historia um tanto massante. Constance Bennett com os seus pistoleiros de filha de Richard Bennett, etc, teimou em ser "estrella". Então a Paramount fel-a desistir...

... Para mim, foi isto o que aconteceu. Entretanto, o film tem certos trechos que fazem rir, principalmente por causa de Eddie Gribbon. As scenas finas do incendio tambem são boas. Estão lindas, com aquelle systema de colorido sómente nas chamas.

Owen Moore é o de sempre. Constance Bennett com aquella cara de escultura em melancia ou de boneco de neve, apparece... quando o seu papel exigia uma pequena bem bonita. Atmospha natural, não tem o exaggero do "far-west" cinematographico.

"Suggestões para reclame": — O nome de Owen, Mabel Ballin, David Butler e Eddie Gribbon, elles têm os seus admiradores. A scena do incendio.

"Resumo tecnico": — Autor, Zane Grey. Scenario, Lucien Hubbard. Director, William K. Howard.

O U T R O S C I N E M A S :

"Um romance terrivel" (Bitter Fruit). Arrow. Produção de Outubro, 1920. É um film muito fraco, proprio para as cervejarias... se ellas acceitarem...

Nada ha que se salve, a não ser a figura de Jane Gail, heroína de tão saudosos films...



BETTY FRANCISCO E DOUGLAS MAC LEAN, EM "SEVEN KEYS TO BALDPATE", DA PARAMOUNT.

Mas é pena que Jane, depois de tão longa ausencia pelas nossas télas, appareça agora num film tão sem valor, tão sem nada...

É uma produção velha, feita por principiantes, sem gosto, sem conhecimentos de technica, de direcção, etc. Não parece um film americano. Eu cheguei a desconfiar da fabrica.

Aliás a fabrica verdadeira, é Dramafilms, a Arrow distribue. John Charles e Charles Gotthold são os coadjuvantes. Artistas mediocres. Photographia pessima.

"Suggestões para reclame": — O nome de Jane, mas assim mesmo ella é pouco conhecida.

"Resumo tecnico": — Director, William Bradley.

● "Coração ao desamparo" (Marooned Hearts). — Selznick. — Produção de 1920. — Conway Tearle mal adaptado a um papel e o film já não começa bem.



RUTH ROLAND E A PEQUENA JOYCE COAD, NOVA "DESCOBERTA", DA METRO-GOLDWYN.

Depois a historia muda "a la" "Robinson Crusé", e é quando cahe mesmo. Um navio que naufraga e Conway é o unico sobrevivente, indo parar em uma ilha abandonada. A mesma cousa de sempre. Mas não se sabe como elle arranhou tanta cousa nesta ilha. Tendas,apparelhos de cosinha, etc., tudo do melhor e do mais moderno. E ahi elle chega a ter quasi que um laboratorio completo para os seus estudos.

Apparece uma pequena e tal, ha aquelle "flirt" e elle acaba casando. Mas tudo isso debaixo de uma atmospha falsa, sem boa direcção nem photographia. Conway tem me envergonhado ultimamente.

Zena Keefe trabalha.

"Suggestões para reclame": — O nome dos artistas. "Ella arruinou a sua carreira para o seu prazer"...

● "Amor atrevido". (Daring Love). Truart. — Produção de Junho, 15, 1924. — Ora, ahi está outra artista a desempenhar um papel que todos nós sabemos que se lhe não adapta. Elaine Hammersstein a fazer uma pequena de "bas fond". É assim que se estragam artistas, que elles perdem o prestigio ganho ás vezes com difficuldades e sacrificios...

A historia de "Amor atrevido", comquanto conhecida, não desagrada, porém, não com Elaine no principal papel. Ella é artista para papeis serios, de moça de respeito, de fina sociedade.

Huntly Gordon, Walter Long, Johnny Arthur e a engraçada Cissy Fitzgerald, tomam parte. É esplendida aquella entrada de Cissy e Johnny em casa de Huntly.

Não é boa a photographia.

"Suggestões para reclame": — Os nomes de Elaine e Huntly. "Prefere o amor atrevido"?

SÃO PAULO

R E P U B L I C A :

"O homem sem consciencia" (The Man Without A Conscience). — Warner Brothers. — Produção de 1925. — Eu estava um tanto aborrecido. Nuvens passageiras de máo humor toldavam o horizonte quasi sempre limpido da minha alegria. Neste estado de animo é que entrei o Cine Republica para assistir "O homem sem consciencia".

A orchestra, o ambiente, as melindrosas e os respectivos, as pinturas exageradas, os cabellos escandalosamente curtos, as saias apostando que subirão por sobre as ligas, tudo immensamente "páo". Tudo aborrecido, Emfim, lá surge no "white-board" Willard Louis, Irene Rich, John Patrick, June Marlowe, Robert Agnew, Helen Dunbar e William Orlamond. Formam o enredo. Desenvolvem-n'o. Não chegam nem a agradar!

Como um máo final não calha no pala-

dar dos burguezes frequentadores de cinemas aos domingos e coronel a valer, emendam um desastradissimo final.

Willard Louis vae bem. Falha em certas expressões, não é um actor admiravel, mas em geral agrada. Irene Rich a nos relembrar a sua admiravel interpretação na "A Mulher Perdida". John Patrick, o organizador de farras dos films "jazz" com aquella cara de palerma faz horror representando a serio. Lew Cody ou Lewis Stone fariam outra figura neste papel. June Marlowe, coitada, só serve mesmo para "leading-woman" do "Rin-Tin-Tin", e assim mesmo as revistas americanas dizem que ella estraga os films do já celebre cão!... Robert Agnew pouco apparece e o que faz não desagrada. Helen Dunbar é a classica dama da alta roda que repudia o noivo sem "arame" pelo sordido endinheirado. William Orlamond é um dos que cáem nos "contos do vigario" que o Willard préga.

Não serve para creanças. Eu sei que hoje em dia ellas são muito adiantadas, todavia é preferivel que se lhes corrija a moral vendo "Peter Pan".

James Flood tem neste film uma direcção bem mediocre. Millard Webb ou Harry Beaumont alcançariam outro successo.

"Sugestões para reclame": — Os nomes dos artistas mais conhecidos. Ha cinemas que só usam um nome e dos sem importancia. O film é da Warner.

SANTA HELENA:

"Passei a vida num sonho". O Cine Club, sociedade ha pouco tempo formada, tem tambem um grupo de amadores (assim rezam os programmas) e já, parece, estão resolvidos a filmar alguma cousinha. "Passei a vida num sonho", a primeira tentativa, é um fracasso em dois actos. Georgette Ferret, a interprete, não é má. Sympathica, elegante e com uma interpretação mil furos acima da Rosa de Maio que fez o fracasso de "Gigi". Luis Alonso, é um rapaz attrahente, mas seria de optimo aviso desistir do intento. É positivamente incapaz. Com o tempo poderá ser mediocre. Jayme Redondo, autor do argumento, se não me engano interprete de um dos papeis (não ha letreiros elucidativos) é tambem o acompanhador massante do film ao violão... ultima invenção cinematographica.

Aquella primeira visão, na praia, com uma das desillusões do Alonsito, é uma cousa ensossa e despida de qualquer vislumbre de realidade. O baile é um absurdo. A orchestra que nelle toca está muito mal apresentada. O "jazz-band" do "Ca-

baret Tip-Top" está bom e o ambiente tem alguma cousa de real.

O final é um desastre...

Photographia escura e pessima direcção. Francisco De Rosa deve desistir. Em relação, porém, não é um máo ensaio. Com muita força de vontade, melhores enredos, aperfeiçoando a Georgette Ferret e pondo o Alonso de lado; conseguindo um bom director e dilatando o capital para um empreendimento que se queira apresentar ao publico, é possivel que se faça uma obra regular. É, ao menos, o que eu espero, pois sou, posto que dê valor ao bom e "cacetadas" ao ruim, um ardente admirador do cinema brasileiro e tenho immensa fé em vêr ainda bons e esplendidos films nacionaes. Avante "Cine Club"! Um revez não é uma derrota! Tentem de novo... "Piano, piano..." (Não estou aconselhando a ninguem que deixe de tocar violão!)



LIANE HAID, DA CONSTELLAÇÃO ALLEMÃ...

ESTADOS UNIDOS

● "The King on Main Street", comedia romantica, com Adolphe Menjou, Greta Nissen e Bessie Love, direcção de Monta Bell. Da Paramount. Excellente trabalho de Menjou. A direcção é boa, "à la manière", de Lubitsch. As duas actrizes acima citadas vão excellentemente, tambem. Um bom espectáculo.

● "Lights of Old Broadway", comedia-dramatica com Marion Davies; da Metro Goldwyn. Direcção incerta estragando algumas situações que outro mais habil director aproveitaria com brilhantismo. Situações semelhantes a de outros films anteriores de Marion.

● "Compromise", da Warner Brothers, drama familiar; dá ensejo a que Irene Rich demonstre suas excellentes qualidades artisticas. Pauline Garon e Olive Brook, bem como Louise Fazenda, contribuem para o exito do film. Thema das tristezas e desgostos matrimoniaes, soffrimentos da esposa pelos desvarios do marido e film que se vendo não se considera perdido o tempo.

● "Go West", da Metro Goldwyn, comedia satyricando a vida do campo, com Buster Keaton e um novilho, tem situações muito hilariantes, si bem não tanto como em algumas das anteriores produções desse excellent comico. Buster "cow-boy"... vale a pena vel-o.

● "The Best People", da Paramount, com Warner Baxter e Esther Ralston, tem pretensões a estudo da vida moderna, e a satyra sobre a moderna educação. É film que escapa apenas á mediocridade.

● "The Eagle", da United Artists, com Rodolph Valentino, drama romantico, direcção de Clarence Badger.

Mais uma transformação nos papeis para mostrar a versatilidade de Rodolph Valentino que em "The Eagle" apparece como uma especie de D. Quixote, nisso que é solicitado em amores por "aquella da Russia imperatriz famosa", Catharina II. Por signal que Louise Dresser faz muito bem este papel. Vilma Banky é a ingenua. Clarence Badger não ganhará fama com a direcção desta produção.

● "Lord Jim", film dramatico da Paramount, com Percy Marmont e Shirley Mason. Extrahido da obra de Joseph Conrad, do mesmo nome, a interpretação que a esse personagem deu Percy Marmont, é excellent. As "liberdades" tomadas com o autor não são tantas que lhe desfigurem a idéa, perdida apenas a analyse tão subtilmente psychologica do grande novellista.

● "The Road to Yesterday", da Producers Distributing Corporation, com Joseph Shildkraut, Jetta Goudal e Vera Reynolds tem altos e baixos. Ha duas historias que se entrelaçam, por meio da doutrina da reincarnação, que, como se vê, anda a tentar ainda os cinematographistas. Joseph Shildkraut, vae mediocremente. Os outros figuram apenas.

DINAMARCA

"Pat und Patachon als Millionare". — Palladium Film. — Mais uma aventura typica dos conhecidos comicos, com alguma satyra e uma dose de boa comedia. Não é grande cousa, mas talvez agradará ao publico.

CARTAS PARA O OPERADOR

ENTHUSIASMO SUBLIME

— “Vibrações! Emoções! Eis o que a mocidade desfruta! Na era moderna, cada povo quer elevar a sua nacionalidade, a sua índole, o seu berço e a sua Patria! Debatem, lutam, sem esmorecer, cumprindo o seu dever cívico, moral, perante os demais e a si mesmo. Porque lutam, não esmorecem, mesmo sabendo em vão algumas vezes? — Inexplicável, impossível se descrever, o que se origina em nossa alma, em nosso instinto!...

Este entusiasmo vivifica intelligencias, exulta nosso espirito, d’um prazer profundo, elle não encontra barreiras, ultrapassa qualquer difficuldade!...

Meus amigos, este entusiasmo que nos maravilha, que nos ennobrece, é o sagrado patriotismo! Ai daquelle que não tem patriotismo! Tornar-se um vegetal, ante a sua propria consciencia! Portanto, sejamos patriotas! Sejamos brasileiros! Tantas são as oportunidades de servir a este grandioso Brasil!...

Precisamos primeiramente meditar quaes os passos que daremos, em prol de elevação — moral, intellectual, physica, material e financeira de nossa Patria! Como?... Já que possuímos estes predicados, que se diz — o que é necessario para se denominar um paiz

— precisamos tornar este Brasil conhecido em todo globo civilizado, conseguindo isto, se conseguiu tudo! Pois engrandeceu-se nosso paiz, nós mesmos, perante os demais habitantes do universo, tudo isto elevará a respeitavel altura este idolatrado Brasil!

Por intermedio de que?... Pelo cinema o incomparavel conductor de propaganda. Num entreccho interessante, que seja filmado, ao par de uma historia nossa, que revele a nossa índole, torna conhecido universalmente, a



Earle Fox (D. Casmurro),
em uma das suas aventuras...

nossa originalidade de povo moderno!... Protejamos portanto o nosso film! Caros leitores, cuidae, incentivae esta

industria, escrevei cartas entusiasticas para esta secção e para os productores, artistas etc., recommendados por esta acatada revista. Sejamos mais patriotas!

Fazei por vós mesmos! Em vez de descrever as linhas esculpturaes do artista estrangeiro, escrevei apenas umas syllabas de animação, aos pugnadores que façam exclusivamente filhos posados e não cavações vergonhosas! Muito tenho que dizer sobre este ponto, mas esta é uma missiva entusiastica, que não deve ser manchada com commentarios tristes!... Retornemos:

Os leitores devem cooperar, em tão brilhante campanha, sejamos brasileiros! firmemos a nossa consciencia no auri-verde sagrado! Que, aposto, jamais esmorecerá, pois é um entusiasmo sublime!!!

Sejamos brasileiros!!

Luiz Gonzaga.

■ ■ ■ ■ ■

Snr. Operador,

Olha aqui o que eu li em uma das nossas revistas:

“Por falar em cinema. Outro dia, fui a um, desses da moda, frequentado por gente de bairros aristocraticos que toma chá, á tarde, nos estabelecimentos mais elegantes do centro da *urbs*. Dentro, na sala escura, tacteei até encontrar uma cadeira vazia. Sentei-me. Na tēla, o *film* era natural, de fabricação scandinava. Os rapazes da Universidade de Upsala faziam exercicio de gymnastica, aos pelotões. Os grupos irradiavam mocidade, vigor, belleza physica, uma alegria sadia que devia encantar os espectadores. Eram ageis, eram fortes.

A metragem era longa e a projecção se desenvolava de uma só vez.

Os estudantes tinham uma

variedade infinita de posições. O fundo da paysagem era de uma maravilha deslumbrante. Pensei que a pla-

PALAVRAS CRUZADAS

EM QUADRAS

POPULARES

Os versos que formam as quadras são os assinalados com aspas.

ENIGMA N. 1

Chave do Enigma...

HORIZONTALS. — 1 Preposição. — 4 Carreiras. — 11 Leito. — 15 Reze. — 16 Tombam. — 20 Sons. — 21 Pae e Mãe. — 25 Em baixo. — 26 Transpor. — 28 Fazem os ratos. — 29 Tiraes. — 30 Não é volta. — 32 Tonicidade. — 34 Variação pronominal. — 35 Não é boa. — 38 Acção de sustar as vinhas. — 40 Soffre do coração. — 44 Exasperara. — 48 Reparti em aduas. — 50 Batrachio. — 51 Variação pronominal. — 52 Salso elemento. — 53 Lapis de louza. — 54 Sem elle não se vive. — 55 Outra variação pronominal. — 56 Adverbio de logar. — 58 Pronome. — 59 Assassina. — 60 O primeiro da tropa. — 61 Dizem que vem do macaco. — 63 Pedra de moer. — 65 Occidente. — 66 Espectaculosa. — 68 Movimento. — 69 Impressiona a vista. — 70 A primeira da tropa. — 71 Cada um tem a sua. — 73 Ensinamento. — 76 Grito de dôr. — 78 Casta. — 80 Desterrado. — 81 Outro batrachio. — 82 Pronome. — 83 Eras devedora. — 87 Possuir. — 88 Trigueira. — 91 Medo. — 92 Solo de opera. — 95 Aplana. — 98 ... de sua graça. — 99 Está em 60. — 101 Para lá iremos de pés juntos. — 104 Contração de preposição e artigo. — 105 Onde está o coração. — 107 Andar. — 108 Immovel. — 109 Desenvolvimento. — 112 Desacompanhado. — 114 Tranquilla. — 115 Ponha bom. — 119

— Curare. — 121 Estão lendo. — 124 Qucima. — 125 ... O que se come e o que se comeu!. — 127 Dinheiro. — 128 Entregar. — 130 Estimar. — 131 Homem do fogo, filho do trovão. — 132 Prazer.

VERTICAES. — 1 Preposição. — 2 Apparencia. — 3 Criminosa. — 5 Artigo. — 6 Multidão. — 7 Póde ser affluente de outro. — 8 Andae. — 9 Qualidade. — 10 Artigo plural. — 12 Artigo plural. — 13 Com tudo á amostra. — 14 O chapéo tem. — 16 Adverbio. — 17 Não é baixa. — 18 Eu. — 19 Não anda bem. 21 — O que havemos de ser. — 22 Sobrenome de artista conhecida. — 23 Não ficava. — 24 Metade. — 31 Entregou. — 33 A musica é. — 34 Habitai. — 35 Ruim. — 36 Prepara o campo. — 37 Mais de uma ruim. — 39 Soffreu. — 41 D. — 42 Estimae. — 43 Cama pobre. — 44 Cidade paulista. — 45 Dinheiro. — 46 O que soffrem os calouros. — 47 "Porção de linho, algodão ou estopa que se põe na roca". — 49 Demonio. — 50 Ora. — 57 Dôem. — 58 Paulificações. — 59: 28, 29, 30 ou 31 dias. — 61 Povo chinez. — 62 Verbo. — 64 Reza. — 66 Cavallo espantadiço. — 68 Nuto. — 69 Petisco. — 72 Acha graça. — 74 — Raios Xis. — 75 Contem tanino. — 77 Igual ao 8. — 78 Adverbio. — 79 Ligai. — 84 Preposição. — 85 Musicas que

se cantam. — 86 Ave palmipede. — 89 O que faz o rato. — 90 Annel. — 92 Amarra. — 93 Nota. — 94 Verbo. — 96 Indigena. — 97 Ri. — 100 Outra nota. — 102 Decifra as charadas. — 103 Nome de mulher. — 105 Orificio da pelle. — 106 II. — 108 Instrumento furador. — 110 Eu. — 111 Suffixo de verbo. — 113 Abre-se sem cortar. — 115 Tom visual. — 116 Unica. — 117 Orgão humano. — 118 Aviador brasileiro. — 120 Jogo de cartas. — 122 Preposição. — 123 Ruim. — 125 Aqui. — 126 Ar. — 128 Póde ser de arroz. — 129 Aviador.

Distribuiremos, semanalmente, ao que fôr sorteado, dentre os decifradores que acertarem, um premio de 50\$000.

Para os leitores da Capital, 15 dias de prazo e para os do interior, 22 dias.

Só serão acceitas as soluções feitas no proprio cliché.

Toda correspondencia para esta secção, deve ser dirigida a ARBOR, "Cinearte", R. do Ouvidor, 164.

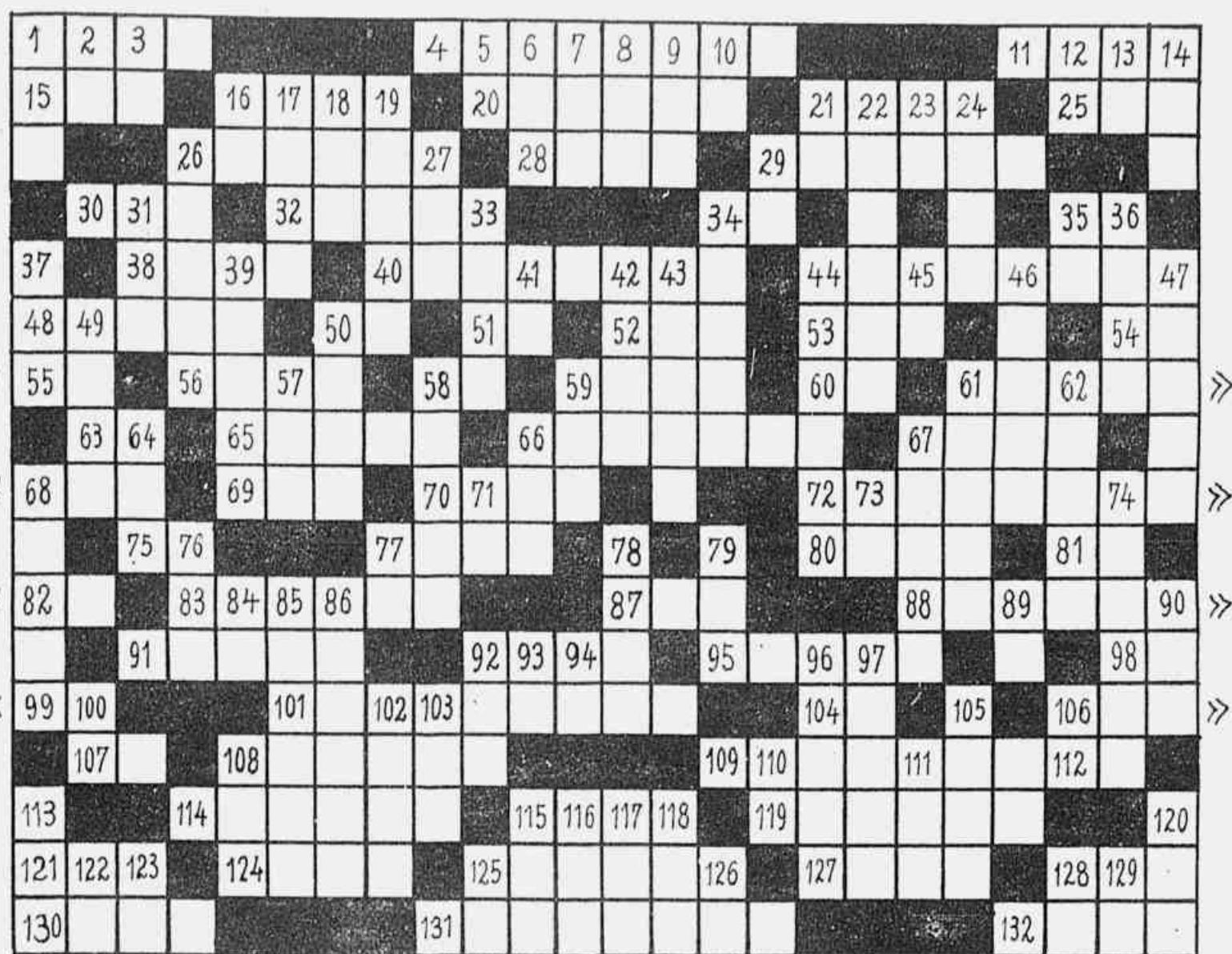
ARBOR.

téa estivesse como eu, arrebatada. Fez-se a luz. Reparei. Um tédio pesado ia de canto a canto. Os senhores respeitaveis cochilavam e as meninas melindrosas abanavam-se visivelmente enfasiadas. Os *almofadinhas*, esses, tinham desertado, á procura de outro local que lhes dêsse mais emoção. Se fosse uma tragedia immoral com traições infames, adulterios escandalosos e raptos descarados, talvez todas aquellas pessoas estivessem vibrando de emoção.

O cine está se tornando uma escola de vícios irresistivel. — *M. Paulo Filho.*"

Como se vê, Sr. Operador, o sympathico Paulo Filho continua muito mau humorado com o Cinema. Mas desta vez elle tem razão! Foi assistindo a um film de séries que Abel resolveu matar Caim.

Nero enthusiasinou-se pelas bacchanas com os films de Cecil B. De Mille e a mulher de Putiphar resolveu "bancar" a "vampiro" quando viu Nita Naldi... — *Flor de Maio.*



EM NOME DO AMOR

(FIM)

do castello traz ao botequim a noticia da historia do telephone e todos alli presentes commentam a seu modo entre risotas e gargalhadas. Raul sente-se horriavelmente humilhado. O Marquez de Beusant e o cervejeiro plebeu vêem no

EM NOME DO AMOR

(IN THE NAME OF LOVE)

Film da Paramount

DISTRIBUIÇÃO:

Raul Melnotte...	Ricardo Cortez
Marie Dufrayne...	Greta Nissen
Pierre Glavis...	Wallace Beery
Marquez de Beusant...	Raymond Hatton
Madame Dufrayne	Lillian Leighton
Madame Melnotte.	Edythe Chapman
Dumas Dufrayne..	Richard Arlen

incidente uma magnifica oportunidade para tirar proveito e vingarem-se da orgulhosa Marie. Para isso põem-se de accôrdo com Raul para que este, fingendo-se ser o Principe de Como, que acaba de chegar ao lugar, vá fazer uma visita á moça em seu castello, pedindo-lhe a mão em casamento.

No dia seguinte, acompanhado pelo Marquez de Beusant e pelo millionario Glavis, Raul apresenta-se no castello da familia Dufrayne no papel do Principe de Como, sendo recebido com a reverencia e pompa que o seu elevado cargo exigia.

Comprehendendo que o tempo urgia, pois o verdadeiro principe já se achava no lugar, os dois cumplices de Raul propõem que o casamento tenha lugar immediatamente, por isso que Sua Alteza necessitava regressar o mais breve possivel para a Italia, onde o chamavam urgentes negocios politicos.

Poucos momentos depois de celebrada a bôda, chega ao castello a noticia da estadia do verdadeiro principe na aldeia. Raul, como era de suppôr, occulta este facto de sua esposa e lhe propõe irem passar a lua de mel em um logarinho campestre da vizinhança. E enganando-a desta maneira, consegue Raul levar a esposa para sua propria casa, onde descobre toda a comedia que vinham representando.

— Como me prometteu que me amaria fosse eu quem fosse... — começou Raul a explicar-se, antevendo já a tempestade que se avisinhava.

— Quê! Quer dizer que não é o principe, mas o sujo empregado de garage, aquelle impostor do telephone, não é? — pergunta a joven ameaçadoramente.

— Serei tudo o que deseje, empregado de garage, sujo, impostor, mas tambem não poderá negar que foi sómente por amor á grandeza e orgulho pessoal que consentiu em casar-se commigo — "principe" de bons principios — e agora, ainda que não queira, não poderá fugir á realidade de que é minha esposa! — disse Raul.

Marie dispõe-se a regressar á sua casa, mas como era noite, encerra-se em

seu quarto a esperar pelo romper do dia seguinte.

Raul, procurando apaziguar aquella situação, pediu á sua mãe que fosse ter com a moça e lhe esclarecesse tudo, dizendo-lhe ser elle o rapazola que a amára, ha annos, quando ella era ainda quasi menina...

— Si não se dêr ás bôas, mandarei amanhã mesmo annullar o casamento e leval-a-ei á casa — diz Raul, arrematando a enfiada de suas conjecturas.

Pouco depois chega um automovel á frente da casa e delle salta, intempestivamente, um rapagão que outro não era senão o proprio irmão de Marie, disposto que vinha a tomar um desforço pela affronta feita á sua irmã.

— Não te mettas no que não te pertence! — grita a moça ao irmão, que de seu quarto o vira chegar e adivinhara logo a sua intenção. Os dois jovens ficam como que pasmados ante aquella manifestação inesperada. Emquanto o rapaz partiu de volta para casa afim de dar noticia do que se passara, Marie, to-



HELENE COSTELLO, "BANCANDO" A MYSTERIOSA...

mando Raul pela mão, diz-lhe com suavidade:

— O principe que me conduziu em seus braços e me fez passar sob os humbraes desta porta, não tinha direito a fazel-o, mas si é meu marido quem o faz, então a nossa união será eterna.

— Agora poderemos voltar para Chicago! — exclama jubilante a mãe de Raul.

NO DOMINIO DO "JAZZ"

(FIM)

amigos e amigas de Arthur a irem buscar-o á propria casa. Marian bem quizera furtar-se áquella nova pandega, mas viu as intimidades da actriz e resolveu acompanhar o bando ao Moulin Rouge. Que

fazer? Ella preferiria ir-se para a America, com Tom, que a viera vêr naquella tarde, em despedida, pois que voltava para casa.

Para casa!... Ah!, como era elle feliz, que tinha uma casa, enquanto ella vivia aquella vida de vagabundos, em hoteis de luxo, sem um lar. Quizera ir com elle, mas sentia que ainda amava o marido e precisava continuar a seu lado para salvar-o dos excessos, ignorando o que havia de verdade na vida delle. É ir ao Moulin Rouge... Mas não, não poderá. A cabeça lhe estala... E, quando todos já iam caminho dos automoveis, ella pediu ao ultimo casal que, avisasse Arthur que rompera a marcha em companhia de Toinette, a sua impossibilidade de ir. E mal sabia ella que o seu marido e a actriz haviam combinado ficar alli, aproveitando a sahida de Marian e da rapaziada.

Marian despiu-se das "toilettes" de baile, e agora se dirige á sua pequena pharmacia. É mais uma aspyrina que toma, e ella vagarosamente vem para o salão. E então se lhe depára aquelle quadro, de adulterio, em que o marido ainda investe para ella, acoimando-a de espiã! Os olhos muito abertos, o queixo tremendo, sem uma palavra, Marian viu-os se irem. Lá em baixo o "jazz" vibrava, no acompanhamento dos esgares dos seus tocadores. Tola!... Agora comprehendia porque, quando contára a Arthur que Tom estivera alli e voltava para casa, e lhe perguntára porque não faziam o mesmo, elle lhe respondêra: — "Vae tu, com Tom, si quizeres!" Sim... elle ficaria bem alli, nos braços da amante! Tola que ella fôra. Mas... aquelle "jazz", a urrar sempre lá em baixo! Isso já era insupportavel. Que dôr de cabeça!... Outra aspyrina...

E ella, cambaleante, se dirige para o pequeno armario e com mãos tremulas toma um frasco, destapa-o e ingere uma pastilha mais... Santo Deus! Mas não é de aspyrina o frasco que tem na mão, e sim de sublimado corrosivo! Ella se envenenára sem o querer! E teria de morrer, assim, enquanto o "jazz" gargalhava lá no salão, sosinho? Ella procura soffrega o telephone e chama Tom, e tem ainda tempo de lhe contar o que se passa. Mas o "jazz" não pára! Ao menos quer morrer socegada!... E, cambaleante, ella se dirige para o salão, implorando, gritando, que cessem aquelle ruido infernal! E, cambaleante sempre, caminhando entre a multidão que lhe abre passagem, ella tomba por fim, no momento mesmo em que chegava Tom!

Naquella madrugada, após mais uma noite de orgia, Arthur levava Toinette em seu automovel. Ébrio, e ao mesmo tempo procurando as caricias de sua amante, elle deixava como que a machina correr á vontade. E, subitamente, um omnibus que surge... Gritos... ruido de ferragens... a explosão de um motor... dois corpos moribundos que são tirados dos escombros...

E, no quarto de Marian, a afflicção de Tom que se quêda á espera da crise annunciada pelo medico que não deixára a cabeceira da doente que elle procurava arrancar das garras da morte. E, por fim a crise que passa.

É a aurora de um novo amor.

MURMURIO ETERNO

(FIM)

MURMURIO ETERNO (EVERLASTING WHISPER)

Film da Fox

DISTRIBUIÇÃO:

Mark Kink.....	Tom Mix
Gloria Gaynor.....	Alice Calhoun
Gratton.....	Robert Cain
Old Honeycutt.....	George Berrell
Swin Brody.....	Walter James
Mrs. Gaynor.....	Virginia Madison
Jarrold.....	Karl Dane

improperios. Mas Leo não temia nada porque estava dado o escândalo, por elle mesmo referido a um jornal de S. Francisco e só o casamento tornaria honesta a sua situação triste. Entretanto, Marcos que se divertia com o seu radio em casa do Romão, teve pelo aparelho a noticia do escândalo que em S. Francisco tinha produzido a fuga de Gloria para Colona. Montou no seu veloz cavallo e eil-o numa correria doida a caminho da cidade, onde se albergava a creatura dos seus sonhos. Em Colona, Leo realizava a sua criminosa ambição. Chamado o juiz de paz, Gloria ia ser sua mulher. Com o que elle não contava era com a energia de character da sua pretendida noiva que no momento de dar o fatidico sim, se negou a casar. Quando, indignado com essa recusa, Leo procurava conseguir violentamente a sua acquiescencia ao casamento, Marcos entrou no hotel e ensinou, por meios violentos, a Leo, a não praticar actos tão indignos. Em seguida Marcos offerece-se para resolver a situação casando com Gloria, a quem ama. Gloria, na iminencia da deshonra, acceita, embora o seu coração, naquelle momento, não lhe dissesse que amava seu marido.

Leo, corrido vergonhosamente, pelo pulso forte de Marcos, reúne-se aos aventureiros que pretendiam roubar a Romão o ouro que elle tinha escondido em lugar ignorado. Sabiam que esse lugar tinha sido indicado a Marcos e que este, na companhia de Gloria, para lá se dirigia. Foram em sua esteira, com a intenção de o apanhar e matar-o quando elle se encontrasse a arrancar do esconderijo o appetecido ouro. Marcos seguia despreocupado quanto aos seus perseguidores, sobretudo porque outros sentimentos lhe tomavam a alma; a repulsa que por elle mostrara aquella que elle julgava amal-o. Gloria foi para aquelle marido que a situação a forçara a tomar, verdadeiramente cruel. Marcos, cheio de indignação e sinceramente magoado nos seus sentimentos, deixou-a em paz, não mais se lhe aproximando, tratando-a como a uma estranha. Gloria, no seu desmedido orgulho, não se importou a principio dessa attitude, de Marcos, mas os caminhos que iam percorrendo eram cheios de perigos e de ameaças, e ella viu-se obrigada a procurar a protecção daquelle homem que o destino lhe déra, que ella sabia valente, honesto e leal.

Entretanto, a caravana de Leo, Brodie e outros, que iam no seu encalço, cortava de dificuldades. Longos dias passavam, e os mantimentos começavam a faltar. Foi então que se deu nos alforjes por falta do toucinho que levavam. Foi a culpa attribuida a um infeliz homem que fazia parte do grupo. Um tiro certo de Brodie deu-lhe a morte, mas o ladrão do toucinho era Leo, que deixou friamente que o innocente fosse morto. Brodie odiava-o e receiava-o. Resolveu, por isso, liquidal-o também. Quando Leo escutou vagas palavras que lhe denunciavam essa intenção de Brodie, tratou de fugir. Na sua fuga, em que era perseguido, foi dar a uma caverna, e qual não foi o seu espanto quando alli deparou com Gloria!

Gloria chegara alli pouco antes com Marcos, pois era alli também que estava escondido o ouro do velho Romão. Marcos deixara-a só por instantes na intenção de ir procurar um abrigo para o seu cavallo. Após os primeiros momentos de espanto, Leo começou logo a dar expansão aos seus sentimentos perversos, agarrando, violento, nos seus braços a infeliz menina. Neste proposito o vieram encontrar os seus perseguidores, que logo o liquidaram de uma maneira cruel, deshumana. Morto Leo, Brodie e os seus barbaros companheiros voltaram as suas vistas para Gloria que tremia de pavor. Queriam por força que lhes dissesse onde se occultara Marcos e como ella não lhes quizesse dar informações seguras, maltrataram-na cruelmente. Neste instante, Marcos entrou na caverna, o seu pulso de ferro entrou a trabalhar, pondo em desbarato aquelle grupo de miseraveis malfeitores. Livres do perigo, Gloria olhou Marcos, cheio de sangue, e reconheceu que aquelle homem corajoso e leal é que era digno de ser amado.

Oh! Marcos, exclamou, como eu o amo! Como eu o amo! Poderia perdoar-me? — E como elle a estreitasse carinhosamente nos braços, ella disse-lhe baixinho:

Oh! quero a sua companhia, o murmúrio dos pinheiros que você tanto ama. Para sempre!

O VEREDICTUM

(FIM)

fechado, disparou quatro tiros contra a fechadura. Os esforços do seu advogado, foram inuteis: Jimmy foi condemnado a morrer na cadeira electrica. Carol estava desesperada. David Alcott, o advogado de Jimmy fôra á casa do juiz afim de convencer-o a fazer o joven a entrar em novo julgamento. Approximava-se o dia da execução... na vespera elle vira o sequito de executores que ia em passos rythmados... vira a luz enfraquecer e um guarda contára que um infeliz deixára de existir! Cruel supplicio para um condemnado que tem as suas horas contadas. No dia seguinte, dois guardas vão buscá-lo em seu carcere. As pernas se lhe enfraqueceram... ia morrer... não mais veria a sua Carol querida! Foi engano seu: ao invéz de ir para o sacrificio, pela electrocução, Jimmy foi levado para o escriptorio do chefe da prisão. Lá estavam Carol e David Alcott, o advogado amigo.



ANTONIO MORENO E SEU CÃO BOMBO, QUE GANHA 50 DOLLARS DOR DIA, COMO ACTOR.

A alegria era indescriptivel. Aquelle joven pára, quasi separado pelo braço da fatalidade, não sabia se chorar ou rir, pela satisfação de um encontro. Jimmy fôra informado que o seu advogado conseguiu um novo julgamento. O joven respirou alliviado, já havia perdido mesmo os menores resquícios da esperança. Em uma sala, onde a imagem sacrosanta de Christo impunha o juramento da verdade, estavam reunidas muitas pessoas... pessoas que tinham o poder de julgar e outras tantas que assistiam os julgamentos. Era a ultima oportunidade para Jimmy. O detective achara um lenço, que servira para limpar uma arma, no guarda-roupa do assassinado. Foi o que o advogado de Jimmy fez saber aos jurados. O promotor entra em acção e pergunta ao detective a quem pertencia o lenço. É apontada Carol e ella confirma. Diz que foi ella a assassina. Jimmy reafirma a sua culpa, porém, entre os assistentes uma voz se fez ouvir. Era Richard, o creado. Elle senta-se no banco dos réus e conta que vira a moça desesperada, tomalhe o revólver que tinha na mão e depois veio chamar o patrão, como si alguém lhe quizesse falar. Reprodiz-se a scena em que Victor fica bravo por ter sido enganado. O creado supplica-lhe que deixe a pobre moça ir-se embora e como resposta é surrado a chicote. No auge da raiva, usando a arma do proprio amo, elle o alveja...

Terminava a narração e dizia que acceitava a pena que merecesse. Alcott corre e felicita-o, elle matára em defeza propria, não havia crime. O juiz levanta-se e elle mesmo indica a sentença para o novo "Verdictum": — "Não culpado"...

O detective, então, vae á moça e pergunta-lhe si foi o creado que usou e limpou a arma, como é que o lenço della lá foi ter. Ella responde que o fez propositalmente, pois queria morrer por Jimmy. Não foram em vão o sacrificio e a dedicação. Tudo servira para os unir mais. Assim, Jimmy e Carol, alli mesmo na sala do jury, prometteram mutua fidelidade e sellaram com um beijo o inicio de um futuro promissor.

UM DIA COM AS ESTRELLAS...

(FIM)

À proporção que Ruth fazia o auto devorar as distancias, eu me puz a pensar nos já longinquos dias em que eu não passava de um modesto fanático do Cinema, chegando, finalmente, à conclusão de que os fanaticos de hoje também têm o maior interesse em saber de que modo os seus idolos se divertem nos dias de folga.

Desde já affirmo que elles se divertem com a mesma animação e sinceridade que nós, pobres mortaes...

Quando chegámos á Playa del Mar, que é como os Russells denominam o seu ninho proximo ao Pacifico, já varios outros convidados estavam presentes.

Bobby Agnew e May Mac Avoy tentavam atirar a linda Carmel Myers dentro dagua, enquanto esta se defendia dizendo-lhes que o seu "maillot" era novinho em folha e que não pretendia estragal-o no mar...

Irving Weinberg e Joe Jackson, o conhecido chefe de publicidade, entretinham animada conversação com Marion Nixon, e Ethel Shannon fazia exercicios com o "medicine ball", que era tão grande quanto ella propria. Nesse momento o casal Russell fez a sua esperada appareição, dando inicio ao esplendido programma que deveria prender todos os convidados até que a lua já fosse bem alta no claro céu da California. De facto, minutos depois já a mais franca e sadia alegria reinava entre todos nós.

Como já disse, os nossos idolos da tela são apenas simples creaturas humanas, ávidos como nós de carinhos e prazeres. Hoje em dia tudo o que se diz ou escreve sobre as estrellas é assimilado pelo publico juntamente com certa dóse de sal, de sorte que torna-se difficil, sinão quasi impossivel, acreditar-se na realidade.

Para o publico as estrellas têm no anno inteiro um immenso domingo, e quando se divertem procuram rodear-se de tudo o que é extravagante pelo preço e pelo aspecto.

A cada canto onde uma celebridade da tela vá dar com os ossos (sim, as estrellas têm ossos...), uma multidão sequiosa de novidades, á guisa de immenso cortejo, lhes segue os passos, e isto, talvez, explique porque as estrellas ou estrellas nunca tenham sido surpreendidos gozando a vida como realmente o fazem. As más linguas estão sempre promptas para, ao primeiro signal, vomitarem torpezas. Nestas occasiões é necessario que os verdadeiros admiradores do Cinema se animem de grande paciencia e repillam com energia todas as infamias que commummente são espalhadas.

As grandes figuras da tela são as eternas victimas dessas villezas. Si é mulher tem que ser uma desclassificada, e si é homem, um patife sem vergonha.

Os unicos talvez que possam testemunhar o modo pelo qual os nossos idolos se divertem, são os "touristes" que, procurando sempre palmilhar por logares afastados, inconscientemente dão de cara

com um grupo de gente do Cinema, que também procurou aquelles mesmos sitios afim de evitar o serem reconhecidos pelo publico. Si alguém se dê ao trabalho, como frequentemente acontece, de os seguir occultamente, ficarão convencidos e satisfeitos, — os seus idolos são seus semelhantes.

Assim falo porque já fui testemunha occulta de um domingo de Pola Negri e Kathryn Williams em Giant Dippers, proximo a Venice.

Retomando o fio da historia, direi que a presença de tantos sports e a ausencia de uma "camera" na nossa alegre reunião em casa dos Russells, fariam qualquer transeunte indiscreto acreditar em tudo, menos que se tratasse de gente de Cinema.

Foi como Ruth Roland disse: uma reunião alegre, não propria para publicidade. Durante a tarde fizemos varias e divertidissimas excursões, cada um munido de sua "Kodak", séguidos por um grande numero de pessoas que nos reconheceram.

À noite teve logar uma impagavel representação em um pequenino palco improvisado, em que cada um de nós contribuiu com mais uma parcella de alegria para tornar o ambiente deliciosamente convidativo.

Por ultimo, o "Charleston", a nova e inebriante dansa, que ameaça vencer facilmente a febre do "jazz" e do "shimmy", teve a sua parte.

Quando, muito mais tarde, Ruth Roland me deixou á porta de casa, eu não encontrei em todo o vocabulario mundial palavras que pudessem agradecer o dia que ella me tinha proporcionado.

A gente de Cinema não é tão feia como costumam pintal-a...

UM RASGO DE VALOR

(FIM)

UM RASGO DE VALOR

(DON-DARE DEVIL)

Film da Universal

DISTRIBUIÇÃO:

Jack Bannister... Jack Hoxie
Ignez Remado... Cathleen Calhoun
Bud Latham... Duke R. Lee
José Remado... William Welsh
Benito Monacal. William A. Steele

Latham não conseguiria o seu intuito. Jack parte para as montanhas e, depois de scenas interessantissimas, conhece a linda Ignez, filha de Remado, uma valorosa moça, da qual elle se enamora e que, a principio, não lhe liga importancia.

Dahi por deante, trava-se a luta entre Jack, que se constitue defensor de Remado e de sua filha e Latham, cada vez mais disposto a se apoderar dos titulos das terras pertencentes ao velho perseguido politico.

Não acompanharemos o nosso heroe nessas aventuras sensacionais, os perigos

que elle corre para evitar as manobras tecnicas de Latham, de cujas garras salva também a linda e guapa Ignez.

Os dias difficeis passam, afinal, e Jack pôde conhecer a ventura, ao lado da creatura querida, pela qual tantas e tantas vezes arriscára a vida.

卐 卐 卐 卐 卐

Um dos jornaes do Rio, deu-nos uma grande novidade! Egle Valery, artista italiana, chegou ao Rio para montar uma fabrica de films, porque... já se sabe, a nossa capital é deslumbrante, offerece paizagens encantadoras, tem um morro chamado Pão de Assucar que é muito bonito, uma avenida que é a mais bella do mundo, etc., etc.

Egle Valery traz as credenciaes de ter trabalhado com Gustavo Salvini, notavel actor italiano. Isto de ter trabalhado em films italianos, pouca ou nenhuma importancia representa para nós, mas emfim, uma figura bonita, decidida, pôde organizar uma companhia, mesmo não possuindo nenhum merito artistico.

Mas... ninguém cahe mais nestes "bluffs". Egle Valery já é a centesima artista que nos chega a prometter grandes companhias de films para aproveitar a montagem da nossa lindissima "natureza" e toda esta conversa fiada ou não "fiada", que conhecemos...

Por isso, já não acreditamos mesmo. Demais, Egle Valery chegou dizendo que para fazer um film, bastam meia duzia de bons artistas e um bom operador...

Como fazem mal juizo da cultura cinematographica do nosso publico... elle que já conhece a parte mais elementar... que os films italianos são horriveis...



CINEMAS E CINEMATOGRAFISTAS

John Day, representante geral da Paramount para a America do Sul, embarcando hoje para os Estados Unidos, dedicou-nos esta photographia em despedida e em saudação ao "Cinearte".



LES
ONDES

PARFUM de

GUELDY
PARIS

ses extraits - ses fards - ses poudres de riz

AUTRES PARFUMS

MIRAGE - PRESTIGE - VASTHI - ANTAR - LYS ROUGE



QUANDO O ESPELHO
ACCUSAR
MANCHAS.

PANNOS

SARDAS

ESPINHAS

ou outras affecções
na pelle,

DEVEIS USAR

LEITE DE COLONIA

Nas perfumarias, pharmacias, e drogarias de primeira ordem

Agentes geraes: ANTONIO A. PERPETUO & C.

RUA DO ROSARIO, 151 — C. POSTAL 1122 — RIO DE JANEIRO

BIOTONICO FONTOURA



**O MAIS
COMPLETO
FORTIFICANTE**